Antoun Saadeh
O Sociologo e Filosofo

أنطون سعاده
العالم الاجتماعي والفيلسوف

Preparação e tradução de
Youssef Mousmar

اعداد وترجمة
يوسف المسمار

Antoun Saadeh
O Sociólogo e Filósofo

Preparação e tradução de

Youssef Mousmar

Autor: Youssef Mousmar

Título: Antoun Saadeh – O Sociólogo e Filósofo

Edição: 1.ª

Local: Curitiba

Ano: 2013

ISBN:978-85-915946-0-3

© Todos os direitos reservados.

Dedicatória

Para aqueles que usam a ciência para elevar o nível da pessoa humana neste mundo,

Para aqueles envolvidos nos assuntos da filosofia a fim de construir um futuro melhor para toda a humanidade,

Para aqueles que escrevem obras literárias surgidas da fonte da vida humana para alimentar as gerações com sabedoria, virtude e moralidade,

Para aqueles que inventam e criam obras de arte a fim de realizar o bem-estar da humanidade ampliando os horizontes civilizacionais que poderão garantir o respeito da vida do homem e dos direitos das nações e estabelecer a paz do mundo,

Para aqueles que praticam uma política baseada na verdade e na justiça visando fortalecer os laços de entendimento entre os povos com honestidade e sinceridade

Dedico este livro

Youssef H. Mousmar

Curitiba, 8 de julho de 2013

1

PREFÁCIO

J. M. de Barros Dias*

Lutando com as ideias a partir de um firme ideal de Justiça, Youssef Mousmar veio a meu encontro, certo dia, na curitibana Boca Maldita, com um volume prenhe de alma. Era o manuscrito de *Antoun Saadeh – O Sociólogo e o Filósofo*.

Presumo que, para o leitor do Trópico, não muito dado à mais radical das atividades teóricas humanas, a Filosofia, há alguma *estranhação* ante o nome do autor que é

* Universidade de Évora.
CEFi – Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.

objeto desta obra: Antoun Saadeh. Devo afirmar, em abono da Verdade mas, também, do Bem, que Saadeh, hoje esquecido por muitos – e não somente no Brasil –, é um autor que, com sua obra prematuramente interrompida, esculpiu em mármore pentélico o amor que, ao longo da vida, nutriu pela Pátria que desejava grande e, a um tempo, futurante: a Síria.

Nascido em Beirute, em 1 de Março de 1904, e executado pelas autoridades libanesas, afetas aos interesses da antiga potência colonial do Monte Líbano, a França, no dia 8 de Julho de 1949, Saadeh é, atualmente, referência teórica pela sua obra maior, *Gênese das Naçõe*s, da qual se publicou unicamente o primeiro volume. O fundador do Partido Nacional Socialista Sírio teve presente, ao longo da vida, a pugna pelo ideal da Grande Síria, não a da

3

Pequena Síria, ou Síria geográfica – aquela que os avatares da História, ao longo do século XX, fizeram chegar até nós.

O que pretendia, então, Saadeh? O que pretende, então, Mousmar? Ambos, cronologicamente separados – Saadeh, uma vítima das sequelas do Liberalismo do século XIX que terminou na tragédia que culminou na II Guerra Mundial; Mousmar, um crítico da pós-modernidade convulsiva em que vivemos –, têm ante si um desafio civilizacional. Neles grita, numa dor de alma, numa dor sem fim, a problemática da Pátria. Se é certo que, *quem da Pátria sai de si mesmo escapa*, então, quer Saadeh, quer Mousmar estarão, para sempre, unidos por um comum ideal de *transterridade*[1].

---

[1] Refiro, com o conceito de *transterridade*, aqueles que, longe da terra que lhes serviu de berço, nela continuam vivendo animicamente. Os *transterrado*s são, portanto, pessoas que não podem ser confundidas com os desterrados ou com os emigrantes.

4

Com efeito, eles não saíram da terra que lhes serviu de berço por motivos econômicos, como não o fizeram por razões religiosas. Ambos, um dia, tiveram que partir. Com eles levaram a Síria e, lá onde Saadeh viveu – em São Paulo –, onde Mousmar vive – em Curitiba –, ambos tiveram a arte de construir suas Sírias ideais, com a alma posta na terra-Mãe, lá, onde os homens são mais do que homens e Deus, esse, é pouco menos do que Deus. Terra Mágica, portanto, a terra do exílio se transformou, para eles, em promessa de um tempo venturoso, o do futuro que Saadeh e Mousmar tudo fizeram para que, um dia, se tornasse possível.

Os *transterrados* vivem no plano da Razão Maior, não no da Razão Menor, ou instrumental, que é aquele plano em que nos norteamos pelo senso comum. Fisicamente longe da Terra Mãe, os *transterrados* vivem, sob o ponto de vista espiritual, no húmus cultural que lhes deu ser.

Antoun Saadeh e Youssef Mousmar jamais renegaram, portanto, a tradição que lhes nutriu o ser. Devo sublinhar que as raízes do pensamento de Saadeh radicam em terra fecundante, milenar, orgulhosa. Nela, a tradição, do latim *tradere*, é algo que equivale a "entrega", é aquilo que se passa de um a outro, *trans*, um conceito que é irmão dos de transmissão e de transladação. Nesta hoje tão martirizada Síria, não pode ter esperança quem não tem recordações: é o caminho percorrido que dá forças para percorrer o que falta. Aquela Pátria de antiga idade pode, contudo, rejeitar a herança; pode aceitá-la, criticando-a; pode, ainda, aceitá-la sem qualquer tipo de crítica. Não concebo, contudo, que aquele povo seja uma tábua rasa que, sem memória de nada, crie tudo a cada momento do seu existir.

Se a Pátria é passado – ela é, no dizer de Maurice Barrès, *la terre et les morts* – a Pátria é, fundamentalmente, como declarou Claudel, *la mer et les vivants*. Melhor: a Pátria é a terra, o mar, os mortos, os vivos e os ainda não nascidos. Em tensão entre o passado e o devir, a Pátria será, no futuro de cada um, conosco, mas com aqueles que, hoje, ainda não são. A Síria, será, portanto, naqueles que hoje tiverem a arte de viver o seu Espírito mas será no tempo ainda por haver, no tempo em que todos nós já não seremos no plano material da existência.

A Síria de Alexandre III, da Macedônia, de Septímia Zenôbia, de Antoun Saadeh, de Youssef Mousmar merece ser conhecida por todos quantos temos, acerca do ser humano e do seu destino, uma concepção que ultrapasse a dimensão orgânica da existência. Podemos, e devemos, se for o

caso, discordar do posicionamento de cada um deles. Mas, antes da crítica, estará, sempre, o conhecimento das propostas acalentadas por cada um deles. Só do conhecimento nascerá, pois, essa obra cordial que é a crítica.

Antoun Saadeh: O Sociólogo e o Filósofo é, verdadeiramente, uma polifonia. Sob a batuta de Youssef Mousmar, os onze autores que contribuíram para que esta obra visse a luz do dia são, na verdade, intérpretes exímios da vontade nacionalista a que Saadeh deu corpo em 16 de Novembro de 1932. Luis Fernando Lopes Pereira, Haidar Haj Ismael, Fabio Bacila Sahd, Alia Haddad, Elias Mattar Assad, Jamil Iskandar, José Gil de Almeida, a Dr.ª Elisangela, Moutih Ibrahim, Marta Teresa Tjara, Roberto Katlab são os extraordinários intérpretes do pensamento

de Antoun Saadeh que, a partir do sopro *daimônico* de Mousmar, construíram este livro que, em boa hora, acaba de ver a luz do dia.

J. M. de Barros Dias

Universidade de Évora

CEFi – Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa

9

Apresentação

Youssef Mousmar*

Antoun Saadeh nasceu em primeiro de março de 1904, na cidade montanhosa Al-chouair, Distrito de Al-Matn, na região de Monte Líbano, considerada uma parte da pátria síria geográfica, antes de ser dividida política e compulsoriamente pelos colonizadores ingleses e franceses com a aprovação dos Estados Unidos e União Soviética, depois da primeira Guerra Mundial.

A sua educação fundamental ocorreu na escola da sua cidade natal, Al-Chuair, e seus estudos continuaram no colégio de

* Tradutor do livro *Gênese das Nações*.

Lycée, no Cairo, Egito, de onde, seu pai, o médico Khalil Saadeh, foi obrigado a emigrar para escapar da perseguição otomana, por trabalhar pela independência e liberdade de sua pátria, a Síria. Retornou, mais tarde, para sua terra natal e entrou na escola de Brummana, que se localiza em uma cidade vizinha de sua cidade natal, porque seu pai foi obrigado a deixar o Egito e emigrar novamente sob a pressão do governo daquele país. A emigração, desta vez, foi em direção ao Brasil onde se estabeleceu e fundou a revista Al-Majallah, em São Paulo, situada na Ladeira Santa Ephigenia n.º 23, Caixa Postal 1487, São Paulo, SP; ali, continuou a trabalhar e a escrever, e lutando contra a velha colonização otomano-turca e contra a nova colonização franco–inglesa que

dividiu a pátria Síria geográfica em vários estados políticos: Líbano, Pequena Síria, Palestina, Jordânia, Iraque, Kuwait, Ilha de Chipre e fundou na Palestina o Estado de Israel. Além desta divisão, os franceses deram a região Norte da Síria à Turquia e os ingleses a Leste ao Irã e, a, Sul na península, do Sinai ao Egito. Assim, a Pátria Síria de Jesus Cristo foi dividida por dentro e cercada por fora, surgindo, desde aquele tempo, o problema do Oriente Médio, causado pelos colonizadores que não aceitam a autodeterminação dos povos e não admitem viver sem dominar e explorar os outros. Aos 15 anos, Antoun Saadeh emigrou ao Brasil, atendendo ao chamado de seu pai, acompanhando de dois irmãos menores: Salim e Eduardo e a irmã Grace de nove anos. Mas, ao invés de

chegar ao Brasil, o navio ancorou nos Estados Unidos e Antoun Saadeh foi obrigado a trabalhar em qualquer atividade, a fim de sustentar os seus irmãos. Em fevereiro de 1921 mudou-se para o Brasil, ocasião em que participou, juntamente com o seu pai, Dr. Khalil Saadeh, na edição do jornal *Al-Jaridah* e da revista *Al-Majallah*. Em 1924 fundou uma associação secreta cujo alvo em unificar a Síria geográfica, depois de ler o artigo famoso de seu compatriota e grande autor, Gibran Khalil Gibran, intitulado **“MEUS PAIS MORRERAM”**, resultado daquele crime que fragmentou a Síria, onde disse: **“meus pais morreram e estou sozinho vivo chorando, sofrendo, sustentando na minha solidão e isolamento minha desgraça.**

Meus pais morreram e minha vida se tornou, depois deles, uma parte daquela desgraça que me atacou.

Eu preferiria que todo o meu povo morresse, revoltando-se contra os governos tiranos (!!) pois, a morte em defesa da liberdade e da vida digna é mais digna do que a vida nas sombras da rendição e escravidão.

Ò meus compatriotas sírios, meus e vossos pais morreram. O que podemos fazer para salvar aqueles que ainda não morreram?”.

Depois disso, Gibran Khalil Gibran, fundou uma associação, escrevendo e trabalhando para a unificação do povo e da pátria síria, mas ele morreu sem conseguir ver seu sonho realizado. Depois da morte do

filósofo Gibran Khalil Gibran, Antoun Saadeh, escreveu o seu famoso texto: **“Saudações à minha pátria**

Profundas saudações à minha pátria se ainda está viva.

Profundas saudações à minha pátria se ela já foi morta.

Profundas saudações aos meus pais se ainda estão vivos.

Profundas saudações aos meus pais se eles foram mortos.

Você e eu, meu irmão, deixamos nossa pátria e nossos pais e emigramos para ajudar nossos pais e dignificar a nossa pátria.

O que aconteceu, meu irmão, para que a emigração estabelecesse um muro tão

sólido e tão duro entre nós? Nem você está comigo, nem eu estou contigo.

Nem você sente os meus sofrimentos, nem eu sinto os teus.

Nossa pátria foi escravizada e se tornou morta e você, meu irmão, sempre correndo sem olhar para trás, nem para a pátria e nem para os pais.

Será que o amor que você tinha no coração se transformou em ódio e o patriotismo se tornou egoísmo deixando você desinteressado pela pátria e pelos pais?

Faça o que quiser, meu irmão, mas eu vou ficar fiel até o fim da minha vida à minha pátria e aos meus pais, sejam vivos ou mortos.

16

Minha decisão de retornar à minha pátria é definitiva, pois ela me necessita e eu a necessito.

A minha pátria está me chamando.

O meu povo está me esperando.

Não tenho dúvida que a minha pátria levantar-se-á e ocupará o lugar que merece entre as pátrias...”.

Em São Paulo começou Antoun Saadeh sua marcha crescendo, estudando, evoluindo, aprendendo, pensando, trabalhando, esforçando e lutando para fazer alguma coisa que pudesse movimentar os imigrantes sírios honestos, a fim de salvar seus irmãos residentes na Síria, agora dividida pelos colonizadores.

Enquanto viveu no Brasil, ele estudou, além de francês e inglês, que anteriormente

estudara, os idiomas: alemão, russo, português, espanhol e italiano. Lecionou, em São Paulo, História, no Liceu São Miguel, mantido pelo bispado ortodoxo (Bispo Dom Mikhail Chehade). Em 1930, retornou à pátria natal e começou a lecionar o idioma alemão na Universidade Americana de Beirute que, anteriormente, chamava-se Escola Evangélica Síria. Ao mesmo tempo. Se uniu à equipe do periódico *Damasceno* (*Al–Ayyam*), publicada em Damasco. Em 1932, fundou e liderou o movimento nacionalista social sírio que ficou secreto até 16 de novembro de ano 1935, quando, então, o movimento se tornou conhecido e, Antoun Saadeh, entrou pela primeira vez na prisão com centenas de estudantes e partidários, sendo julgado pelo governo francês e sentenciado

a seis meses por acusação de que trabalharia para a unificação da Síria geográfica, contra a vontade dos colonizadores que dividiram a pátria e a nação para melhor dominar. Naquele período ele escreveu seu livro (*Gênese das Nações*, volume n.º 1) – formação das nações. Após seis meses, foi posto em liberdade, mas foi detido novamente no final de junho de 1936. Dentro da prisão, escreveu o segundo volume do livro (*Gênese das Nações*, n.º 2) – formação da nação síria – mas, desta vez, o manuscrito foi confiscado na prisão e as autoridades francesas recusaram-se a devolvê-lo e continuaram recusando, até o próprio momento de devolver o manuscrito mencionado. Gostaríamos, na oportunidade, de chamar a atenção do leitor para o fato de

o General De Gaulle ter fundado o seu partido, P.P.F. (Parti Populaire Français), semelhante ao partido de Antoun Saadeh que foi conhecido pelas autoridades francesas como P.P.S. (Parti Populaire Sirien). Até a União Europeia foi uma cópia da idéia que Antoun Saadeh planejou sobre a união árabe como foi explicado nos propósitos do Partido Nacionalista Social Sírio, que proclamava:

1 – **criar um renascimento nacionalista-social sírio que assegure a realização de seus princípios e devolva à nação Síria sua vitalidade e poderio.**

2 – **organizar um movimento que conduza a nação Síria à sua total independência e à consolidação de sua soberania.**

3 – **estabelecer uma nova ordem que garanta seus interesses superiores e melhore o seu nível de vida**.

4 – **exercer todos os esforços cabíveis para criar uma frente comum árabe realizada das nações árabes (união comum das nações árabes)**.

Antoun Saadeh, de 1935 até 1938, era o principal líder nacionalista que passava seu tempo na prisão ou perseguido pelas autoridades francesas que dominavam seu país naquela época. Depois de ter sido colocado em liberdade no ano 1938, ele fundou o jornal ***AL-NAHDAH***, isto é, o (*Renascimento*) e continuou a liderar o partido até deixar o país em 1938 para organizar suas filiações ao redor do mundo,

especialmente nos países europeus e americanos.

Na ausência de Antoun Saadeh, ele foi julgado à revelia e sentenciado pelas cortes francesas a vinte anos de prisão e vinte anos de exílio.

Na Europa, conseguiu convencer muitos alunos que estavam estudando nas Universidades e em vários países europeus, especialmente, Itália, França, Alemanha, Inglaterra e Suíça, dentre outros, a causa Siria.

No Brasil, fundou uma filial do Partido dos Imigrantes e o jornal ***Suria AL-jadidah***, que significa ***Nova Síria***, mas foi detido em São Paulo por dois meses sob acusações dos agentes coloniais franceses, as quais foram constatadas como falsas, tendo sido

comprovada a improcedência das acusações e, assim, posto em liberdade.

No entanto, as autoridades brasileiras pediram, sob pressão de governo francês, a saída dele do país o quanto antes. Ele deixou o Brasil e dirigiu-se à Argentina, onde também foi procurado em Buenos Aires por denúncia da embaixada francesa naquele país.

Como foi constatada a falsidade da nova denúncia e como não era possível expatriá-lo, por motivo da segunda guerra mundial, teve ele que permanecer na Argentina até 1947.

Na Argentina, fundou, também, várias filiais do Partido e um novo jornal, ***AL-ZAUBAAH***, que significa ***Ciclone***. Da Argentina, Antoun Saadeh começou a

dirigir o seu partido como movimento libertador e unificador o qual encontrou forte eco nos meios intelectuais, culturais, estudantis, trabalhadores, lavradores e entre o povo em geral.

Em 2 de março de 1947, ele retornou à sua pátria, onde foi recebido por dezenas de milhares de partidários que chegaram a Beirute de todos os cantos e regiões da Síria geográfica: do Líbano, da Palestina, da pequena e atual Síria, da Jordânia e do Iraque. E, logo em seguida à sua chegada, fez um discurso revolucionário atacando os colonizadores invasores que ainda continuavam governando o país através de cidadãos traidores, elogiando as mulheres e os homens que salvaram e asseguraram a dignidade da nação e da pátria e reiterando os propósitos do seu movimento libertador e unificador.

As autoridades libanesas nomeadas pelos franceses, expediram um mandado de prisão contra ele, com validade de sete meses, mas sendo revogado posteriormente.

Logo depois da chegada em Beirute, ele fundou o jornal ***AL-Jil AL-Jadid*** (***Nova Geração***).

No escritório e no local de impressão deste jornal, ocorreu a execução de um plano orquestrado pelas autoridades libanesas, imposto pelos colonizadores, em coordenação com organização fundada pelos franceses, os quais atacaram e incendiaram os escritórios e a gráfica do jornal.

Após isto, Antoun Saadeh, dirigiu-se a Damasco, onde proclamou a primeira revolução nacionalista-social, no dia 4 de

julho de 1949, a fim de mudar a regra de tirania nacional, apoiada pelas vontades dos invasores, e pôr fim à corrupção, falsificação e injustiça social-econômica.

Durante aquele tempo, uma conspiração internacional entrou em vigor, envolvendo as grandes capitais como Washington, Paris e Londres, além das capitais árabes, Beirute, Damasco, Cairo, Amã e Bagdá e, em 7 de julho de 1949, o presidente sírio Husni Al-zaim, que teve boas relações com Antoun Saadeh, traiu-o e entregou aquele grande líder às autoridades libanesas. Antoun Saadeh foi interrogado, julgado e executado em poucas horas, sem ter chance de defesa. Foi executado por um pelotão de

fuzilamento às 3.20 da madrugada de 8 de julho de 1949.

As únicas palavras ditas por ele naquela madrugada e que foram propagadas pelos assistentes depois da execução, foram as seguintes:

“Não me importa como vou morrer, mas me importa por qual objetivo e propósito devo morrer.

Eu morrerei, mas o meu movimento e sua doutrina ficarão eternos**.**

Eu completei minha missão e estou assinando a execução da minha mensagem com meu sangue.

Por favor, me deixem ver como as balas sairão das armas de meus compatriotas e entrarão no meu peito.

***Muito obrigado*”** e, com uma rajada de balas lançadas em direção à cabeça e ao

peito daquele grande pensador e extraordinário sábio, reinou um silêncio profundo e brilhou uma luz que jamais poderá ser apagada.

Depois que Antoun Saadeh foi executado, as autoridades libanesas executarem também seis membros de seu partido, cada um de uma seita religiosa, porque o partido conseguiu abranger cidadãos de todas as seitas e regiões conhecidas na Síria geográfica.

Não podemos estranhar os atos bárbaros de governo libanês naquela época, pois era um governo credenciado e imposto pelas forças estrangeiras que também perseguirem todos os talentos e gênios como o grande filósofo e internacionalmente conhecido, Gibran Khalil Gibran, que também foi perseguido

anteriormente pela parceria entre os colonizadores estrangeiros, eclesiásticos e feudais locais e que morreu longe da sua pátria, Dr. Khalil Saadeh, e muitos outros. Não exageraríamos se falássemos que dezenas de milhares de imigrantes espalhados pelo mundo inteiro foram perseguidos porque eram simpatizantes das idéias de Antoun Saadeh, que descobriu as bases essenciais de um mundo melhor avançado e civilizado onde as mentalidades nacionais sociais lúcidas formam a mente complexa, global e humana, que é o guia superior para a verdadeira globalização construtiva.Ele escreveu muitas obras nos campos da sociologia, filosofia, economia, literatura, e todas suas obras interpretaram e esclareceram uma nova visão original da vida, do universo, e da arte, exigindo de nós

o aprofundamento de nossa compreensão para melhorar nosso nível da vida, enfrentar o universo com todos nossos esforços, descobrindo suas leis e seus segredos e, ao mesmo tempo, usar nosso raciocínio, nossa imaginação e nosso talento para produzir a nossa arte que procura sempre as melhores criações e as mais altas invenções.

Gostaríamos nesta introdução de chamar atenção para algumas das muitas obras de Antoun Saadeh como: ***Os Ensinamentos do Movimento Nacionalista-Social***; ***A Religião do Islã em Duas Mensagens: Cristianismo e Mohammadismo***; ***A Luta Intelectual na Literatura Síria***; ***As Dez Conferências***; ***Gênese das Nações***.

Ele é ainda desconhecido dos muitos pensadores e intelectuais do mundo e o

melhor meio que nós encontramos para impedir que isto continue acontecendo, é traduzir e divulgar esta obra. Deixo, assim, os leitores inteiramente à vontade para analisarem e formarem seu convencimento diante da citada obra científica, cujo autor foi assassinado por conta de suas idéias progressistas e corajosas, assim como diante de sua visão que ultrapassava a visão filosófica/espiritual/material e as teorias econômicas/capitalistas/comunistas, as quais estão levando toda a humanidade ao retrocesso e à destruição.

* *Youssef Mousmar*, tradutor do livro *Gênese das Nações.*

Curitiba-Brasil, 05/04/2010

31

ANTOUN SAADEH: A SOCIOGÊNESE DO ESTADO

Dr. Luís Fernando Lopes Pereira*

Finalmente nos chega (aos leitores em língua portuguesa) essa bela tradução feita por Youssef H. Mousmar da importante obra do cientista social sírio, Antoun Saadeh, *Gênese das Naçõe*s. Normalmente estamos voltados na academia para os referenciais teóricos da civilização ocidental. De forma brilhante, Edward Said expõe isso em seu livro *Orientalismo,* onde

* Professor do curso de graduação e do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Paraná.

mostra que a visão que o Ocidente tem do Oriente é um produto histórico do século XIX, auge das políticas imperialistas, do racionalismo iluminista e do Estado Nação.

Desde a primeira leitura de Said percebi que mesmo nosso ensino costuma seguir tal visão *orientalista*, afinal estudamos o Oriente em nossas aulas de história situado na Antiguidade, antes de estudarmos Grécia, auge das políticas imperialistas, do racionalismo iluminista e do Estado Nação. Desde a primeira leitura de Said percebi que mesmo nosso ensino costuma seguir tal visão *orientalista*, afinal estudamos o Oriente em nossas aulas de história situado na Antiguidade, antes de estudarmos Grécia e Roma. Depois ele desaparece e volta a cena apenas na Reconquista da Península Ibérica pelos cristãos. Entretanto, é

exatamente essa nossa raiz ibérica que nos aproxima da cultura árabe e do Oriente. Fomos colonizados por portugueses e como nos ensina Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, Portugal não é exatamente Europa, é, como a Síria, local de passagem, sociedade complexa que se desenvolveu voltada também para o mar. A expansão árabe pós Maomé levou o império até a Península Ibérica, no século VIII. Foram detidos pelos francos na Batalha de Poitiers, em 732, vencida por Carlos Martel, avô de Carlos Magno. Mas permaneceram no que hoje são Portugal e Espanha até o século XV.

Nesse século e no seguinte Portugal ampliou suas fronteiras, constituindo importantes colônias no Oriente (China e Índia principalmente), na África e na

América. Logo, a circulação cultural enriqueceu nossas raízes, trazendo para o Brasil uma série de costumes que foram incorporados a nosso caldo cultural de tal forma que muitas vezes tomamos como próprios de nossa cultura. Na verdade, como mostra Gilberto Freyre, o Brasil aproveitou os produtos tropicais do Império português e com a prosperidade dos colonos estes, inseridos em rotas com a África e o Oriente, desenvolveu mesmo hábitos orientais: **“Definira-se igualmente uma paisagem social com muita coisa de asiático, de mourisco, de africano: os elementos nativos deformados num sentido francamente oriental, e não puramente português; a casa com os bicos do telhado vermelho em forma de asa de Pombo, lembrando os da Ásia;**

lembrando também as do Levante, com seus abalcoados salientes, suas janelas recortadas em losângulos miúdos; os meios de condução da gente mais opulenta – os palanquins e os bangüês-, os da Ásia; o ideal de mulher gorda e bonita, peitos grandes, nádegas opulentas de carne – o dos mouros; o jeito das senhoras se sentarem de pernas cruzadas, pelos tapetes e pelas esteiras, em casa, e até nas igrejas – ainda o das mulheres moras; mouro o costume de elas taparem o rosto quase todo, só deixando de fora os olhos, ao saírem de casa para a igreja; mouro o gosto do azulejo na frente das casas ou dos sobrados, no rodapé dos corredores, nas fontes, nos chafarizes; porcelana de mesa, a da Índia e de Macau; as colchas

dos ricos, também do Oriente; asiáticos e africanos, muitos temperos, muitos adubos, muitas plantas, e até processos inteiros de preparar comida como o do cuscus; asiáticas e africanas, muitas árvores de fruto em volta das casas – o coqueiro da Índia, a mangueira, a fruta-pão, o dendezeiro, a gemeleira; asiático ou africano, o gosto dos lordes pelos grandes chapéus-de-sol com que atravessavam as ruas. Quase que tinham sido transplantados para cá pedaços inteiros e vivos, e não somente estilhaços ou restos, dessas civilizações extra-européias, e utilizando o elemento indígena apenas como o grude humano que ligasse à terra aquelas importações da África e da Ásia, e não apenas as européias. (…) Pois o que parece é que,

ao findar o século XVIII e ao principiar o XIX, em nenhuma outra área americana, o palanquim, a esteira, a quitanda, o chafariz, o fogo de vista, a telha côncava, o bangüê, a rótula ou gelosia de madeira, o xale e o turbante de mulher, a casa caiada de branco ou pintada de cor viva e em forma de pagode, as pontas de beiral de telhado arrebitadas em cornos de lua, o azulejo, o coqueiro e a mangueira da Índia, a elefantíase dos árabes, o cuscus, o alfeolo, o alfenim, o arroz-doce com canela, o cravo das Molucas, a canela do Ceilão, a pimenta do Cochim, o chá da China , a cânfora de Bornéu, a muscadeira de Bandu, a fazenda e a louça da China e da Índia, os perfumes do Oriente, haviam se aclimatado com o mesmo à-vontade que

no Brasil. E o primado ibérico da cultura nunca foi, no Brasil, exclusivamente europeu, mas, em grande parte, impregnado de influências árabes, israelitas, maometanas” (*Casa Grande & Senzala*, p. 21-22/25-26). Há que se destacar também o papel dos mascates na difusão da cultura oriental. Muitas mercadorias vinham do Oriente, principalmente a partir do século XVIII, quando o Brasil se torna a principal colônia do Império Português. Buzio, coromandeis, chiatas surrates, chitas de Damão, cobertores, cravo, canela, chá, xales, botins, incenso, louça, pimenta, sedas, leques, panos, pentes, uma série de objetos cotidianos que não eram obviamente produzidos no Brasil colônia, tampouco importados da Europa. A cultura oriental

influenciou a do Brasil, impregnada de familismo, patriarcalismo, religiosismo ou misticismo.

Freyre destaca outros hábitos como o da camisa nupcial manchada de sangue de ornamentarem os balcões dos sobrados em dias de festas (com panos ou colchas de veludo ou de seda bordados de ouro), do foguetório nas festas, das mobílias de sândalo, ébano embutidas de marfim e madrepérola. Ou, ainda, **“Oriental – mouro, ao que parece – na origem mais remota dos seus requintes voluptuosos parece que se deve considerar o hábito, que o Brasil herdou de Portugal, de as senhoras, os meninos e os próprios senhores das casas-grandes, e até dos sobrados, deixarem catar o cabelo ou coçar a cabeça por mãos ou dedos de**

escravos que matavam, ou simulavam matar, piolhos, com pequenos trincos ou cafunés de mucamas, na cabeça e por entre o cabelo. (…) E o mesmo parece que se pode dizer do banho não só de asseio como de volúpia – quente ou morno, de bacia, dentro da casa, ou de rio: nos rios para os quais davam a frente, e não o traseiro, casas e sobrados senhoris” (p. 95/98). Assim, a recepção dessa obra por nossa cultura é apenas a continuidade de uma troca que não se interrompeu após a ruptura colonial do Império Português, mas permanece com laços fortes até o século XXI.

Entrando nos comentários a obra de Saadeh, o início do livro já nos mostra que tradição ele seguirá, e escolhe a ciência. Essa opção científica, entretanto, não está

calcada na rigidez do Iluminismo ocidental do XVIII, ou em teorias absolutizantes. O autor recorre à ciência como uma oposição ao misticismo, situando este como primitivo e aquele como avançado. Por isso destaca como avanço o aparecimento de uma explicação científica, afinal fala tranquilamente em uma evolução do pensamento humano a partir de comparações e deduções. E aqui ele revela seu método, bastante influenciado pela empiria e pela observação. Não por acaso Saadeh fala em fatos revelados pela ciência (inicialmente pela zoologia e botânica). Seu ponto de partida são a botânica e a zoologia e de chegada a antropologia e a sociologia. Inicia falando em uma correlação entre os organismos vivos (quando cita Ibn Khaldun). Mas mesmo aqui revela uma

certa tendência antopologizante ao destacar as viagens de pesquisa da Fenícia junto aos macacos antropóides. Ele aceita a ideia de evolução e cita Darwin, propondo uma conexão química entre as matérias; Como está em um embate com a metafísica e seus enganos (cita-os por todo o texto), busca sempre a partir da empiria, evidências, provas razoáveis. Aqui chega mesmo a se aproximar do método indiciário proposto por Carlo Ginzburg, ao afirmar que o cientista seria o estudioso dessas evidências, **“da mesma forma que os investigadores judiciais seguem os rastros de um criminoso e o identificam com o auxílio de evidências ou pistas suspeitas que foram acumuladas”** (p. 35).

Assim, sua busca pela sociogênese do Estado será feita através de um percurso

que se inicia na zoologia, na botânica, passa pela antropologia e chega à sociologia e ao Estado. Por isso parte inicialmente do estudo das raças. Claro que tal discurso tem uma força significativa desde o século XIX até o pós-Segunda Guerra e, muitas vezes, é usado como fundamento para a ideia de nação, o que é refutado por Saadeh. Em sua proposta científica busca os conceitos mais adequados para raça, não os religiosos ou mitológicos. Logo, para ele o termo raça serve para classificar cada espécie em subespécies ou ramificações, seria um conceito importante para os homens, pois também se relacionou o mesmo a linhagem de origem e atribuíram-no honra e glória, chegando alguns a defender a teoria de pureza de sua raça. Ao dizer dos que caíram nesse discurso racialista não poupa

ninguém: fala dos franceses, belgas, alemães, americanos, judeus e árabes. Ao tratar do discurso das raças do XIX cita o Conde de Gobineau, amigo de D Pedro II, que atribuía aos arianos ou alemães a classe da aristocracia racial. E contrapõe a estes discursos os estudos da etnologia e da antropologia, para as quais a cor da pele não é uma diferença original entre as raças, mas adquirida.

Ele divide a raça humana em duas: primitivas e avançadas a partir da psicologia racial e defende, assim como Gilberto Freyre, a miscigenação, pelos mesmos fatores, quais sejam a mistura cultural, o enriquecimento do ponto de vista dos padrões culturais que assimilam elementos de várias raças. Nas palavras de Saadeh, **“onde havia miscigenação ou**

cruzamento entre as raças nos tempos antigos, a civilização era mais civilizada e avançada. Assim é que, para preservar a pureza do sangue Esparta proibiu a interação com estrangeiros, mas ela era menos civilizada do que Atenas, onde o sangue misturado era comum” (*Gênese das Naçõe*s, p. 55).

Ele, ao citar a boa antropologia de Franz Boas, refuta também os talentos mentais específicos de certas raças, destacando a civilização babilônica, fruto da mistura de sumérios e semitas.

Logo, ao interpretar a raça como produto de uma específica interação com o meio físico, a segunda parte de sua análise se foca exatamente na geografia, com forte

influência de La Blache e sua geografia humana.

Aqui, Saadeh busca uma diferenciação que marca sua obra, entre o mundo dos animais e o mundo humano. Na relação com o meio físico, tal diferença seria nas palavras dele marcante, afinal os animais tenderiam a satisfazer suas necessidades de forma direta e os homens indiretamente, usando ferramentas, estas cada vez mais sofisticadas. Ainda a partir de Franz Boas, afirma que a substância determina a forma: **“cada substância tem a sua própria característica de formato, volume e de consistência, os quais oferecem certas qualidades às construções e às ferramentas feitas por eles”** (*Gênese das Nações*, p. 65).

Mas o fundamental para ele na relação com o meio era a formação de certa personalidade da comunidade que adiante ele chamaria de Nação. Mas é cedo ainda para tal conclusão. É preciso após determinar a importância do meio (que ele faz questão de destacar como não determinante, recusando as teses do determinismo geográfico e historicizando a relação do homem com o meio, afinal, **"a terra provê possibilidades, não compulsões ou imperativos deterministas…"** (*Gênese das Nações*, p. 180) colocar nele o personagem humano, os homens em sociedade (característica para o autor fundante da humanidade).

Para ele, assim como para Aristóteles, o homem é um animal gregário, **"a sociabilidade é uma característica**

inerente aos homens de todos os gêneros, existindo em um estado de sociedade ou sociabilidade onde quer que seja encontrado, e qualquer que seja o seu nível ou grau de degradação ou de desenvolvimento progressivo" (*Gênese das Nações*, p. 73).

Os animais, para ele, seguindo a mesma linha trilhada por Ernst Cassirer em sua Antropologia Filosófica, não constituem sociedade, mas agregações, pois somente o homem compreende psicologicamente o meio ambiente (**consciência, sentimentos, vontade, pensamento, imaginação**…). Volta a resgatar a antropologia e a etnologia para falar do espalhamento dos homens pelo planeta, curiosamente destacando a superioridade de um vínculo cultural constituído na relação com o meio sobre os

laços de sangue, definidos por ele como primitivos,

“Desta maneira, a humanidade viajou ao redor da terra em grupos – clãs e tribos – cada um ligado ao outro por laços de sangue, desde que o laço de sangue fosse o fator principal e importante para realizar a ligação sócio-econômica, não permitindo a expansão e ampliação do grupo, porque com a expansão e a ampliação, o laço sanguíneo se tornaria fraco e perderia a sua vitalidade” (*Gênese das Naçõe*s, p. 86).

Por isso dá destaque às pequenas e grandes migrações que permitem que os homens se encontrem e se relacionem com outros, ampliando a comunicabilidade e o contato, lembrando novamente a opção do autor pela

troca civilizacional, pela miscigenação como fator de enriquecimento, daí dar destaque no início da humanidade ao tabu do incesto, como o faz Levi-Strauss em seu primeiro livro, Estruturas elementares do parentesco. A guerra nas sociedades primitivas também teria sido fator de ampliação das trocas e dos contatos, estabelecendo uma sociabilidade humana avançada ao invés da primitiva dos laços de sangue.

Por isso Saadeh fala com tranquilidade, como o faz o sociólogo alemão Norbert Elias, em evolução. Primeiro das raças nômades às raças sedentárias, estabelecendo mesmo um padrão de medida civilizacional. Se em Elias era a introjeção de normas e moldagem do comportamento, em Saadeh, **“O padrão de medida através**

do qual mensuramos o valor de qualquer estágio cultural é a relação entre a obtenção das necessidades da vida e o esforço exercido em direção a esse fim” (*Gênese das Nações*, p. 115).

Outro elemento que o aproxima de Elias é a valorização que faz de elementos periféricos, desprezados pelos grandes modelos explicativos das ciências sociais. Elias destacava os hábitos à mesa em seu livro *O Processo Civilizacional* e Saadeh destaca o sabor, **“Determinados cientistas consideram que o nível de saborear a comida é apreciado a ser uma das diferenças entre os povos primitivos e os mais avançados e desenvolvidos”** (*Gênese das Nações*, p. 97).

Vinculado ao pensamento darwinista seria estranho não aceitar a ideia de evolução, como Marx. Aliás, Saadeh dá destaque também a questão econômica, primeiro dizendo que o laço econômico é o primeiro laço social na vida do homem ou a base material na qual o homem constrói a sua civilização; toma o trabalho como fonte do sistema social e base da estrutura da sociedade, falando em cooperação simples (um único esforço) e complexa (projetos).

Em seguida coloca o comércio e o desenvolvimento das cidades como elementos centrais na dissolução dos laços feudais e para o surgimento do Estado Nacional Moderno. Fala também em divisão do trabalho em sociedades mais complexas, aqui lembrando uma conexão com os três grandes clássicos da sociologia,

com Durkheim e suas sociedades com solidariedade orgânica e mecânica (esta mais complexa em sociedade em que as tarefas se complexificam), Weber e sua modernização e Marx com seus modos de produção, afinal Saadeh fala em expansão da agricultura e comércio, fundante da base monetária e do capitalismo e mesmo em divisão do trabalho: **“A diferenciação do trabalho deu origem ao comércio interno dentro do vilarejo e entre os indivíduos, encontrando-se nesse estágio a desintegração da tribo, o que determinou o começo da vida urbana na aldeia”** (*Gênese das Naçõe*s, p. 123)

Destaca como elemento civilizacional o alfabeto que teria sofisticado a relação entre o homem e o meio, pois possibilitaria a reflexão sobre a realidade, a representação

do real em signos: **“O alfabeto levou o mundo ao longo da Estrada do conhecimento e aprendizagem, com forças mentais suplantando as dificuldades impostas pela natureza”** (*Gênese das Naçõe*s, p. 137).

Finalmente depois disso Saadeh entra na discussão do Estado *stricto sensu* e o toma como assunto puramente cultural, pois sua função é de **“lidar com a política da sociedade e organizar as relações entre suas partes na forma que defina os direitos e deveres, seja por costume e uso seja por triunfo e tirania”** (*Gênese das Naçõe*s, p. 140).

Teria ele um aspecto puramente político e esse aspecto político permite a Saadeh elaborar uma sociogênese do Estado que o

leva ao período do totemismo, novamente salientando suas influências da antropologia e da etnografia. Mas mesmo assim, sua conclusão acaba sendo antropológica e muito weberiana, pois fala também em monopólio da violência por parte do Estado: **“Encontramos a realidade do Estado somente onde discernimos uma subjugação ou uma força física amedrontadora que pode impor suas regras e seus regulamentos a sociedade”** (*Gênese das Naçõe*s, p. 155).

Os primeiros Estados teriam sido os tribais, formados pelos clãs. Aqui o monopólio da violência é conquistado por um líder ou chefe que estabelece um reinado privado ou principado. Vê também o Estado a partir das lentes modernas e reconhece como elemento ontológico a eles a existência das

funções legislativa, executiva e judiciária. Dando, inclusive, grande destaque a questão do monopólio legal por parte de um Estado. Para ele existiriam três formas do Estado: democrática, autocrática e aristocrática; a forma democrática consistia na **"liderança e no conselho dos chefes anciãos ou membros do povo como um todo"** (*Gênese das Naçõe*s, p. 161) e seria o tipo de Estado de povos primitivos; a superação dessa forma se daria a partir da guerra que permite o aparecimento da forma autocrática – instituída pelo herói de guerra vitorioso, afinal para a guerra era mais adequado ter um líder forte e com amplos poderes. A forma aristocrática seria a medieval ou feudal, um Estado despótico e tirânico, onde uma aristocracia mandaria e o rei seria apenas simbólico.

Após as questões mais teóricas de debate acerca do Estado, passa a uma descrição histórica da sucessão evolutiva dos Estados, dando um destaque significativo ao aparecimento da cidade-Estado de Sidon, Biblos, Trípoli, Aradus, Tiro e Acre,

“Com exceção dos grandes Estados territoriais que surgiram no Norte da Síria e o Estado dos Amoritas no Líbano e além dele, encontramos os Estados Sírios tomados por uma nova coloração ou característica, isto é, a Cidade-Estado” (*Gênese das Naçõe*s, p. 181).

Modelo fruto da expansão e colonização fenícia, que uniu o comércio e a navegação de um lado e o poder politico e econômico de outro. Nessas cidades-estado lançaram o fundamento da lei civil, que para Saadeh é a

base de construção de um Estado Nação. Daí sua tendência em direção à democracia. Para o autor essa tradição histórica da síria manteve uma separação nítida entre a associação política e a associação social (daí, em Cartago, uma monarquia hereditária ter sido abolida, ascendendo ao poder uma monarquia eleita). Mesmo a derrota cartaginesa na Segunda Guerra Púnica teria permitido a Aníbal reformas comparadas as de Graciano em Roma, dando a Cartago verdadeira democracia, mas veio a terceira guerra e Cartago foi destruída.

Restou o Império Romano. Roma, inicialmente cidade-estado, se expandiu e comandou um vasto império que se distinguiu por dois aspectos: extensão da

cidadania aos súditos (unidade política) e lei romana. Elementos tomados pelo autor

como determinantes para um Estado Nacional. A lei para ele era algo diferente dos usos e costumes, da vingança pessoal e do feudo sanguíneo e em Roma assumiu um caráter de lei judicial pública comum (sistema legal do Estado). Por isso mesmo os povos subjugados desfrutaram de direitos civis e políticos (conservando as leis desses em seus territórios) através do *Jus Gentium* (aplicado pelo pretor peregrino) – destinadas a resolver os casos que não estavam previstos pelo *ius civile*.

No Feudalismo haveria um estado feudal incipiente e ineficiente, **“No estado feudal, o interesse do príncipe substituía o interesse do Estado ou o interesse da**

comunidade. O sistema feudal gradativamente progrediu até chegar a um modelo especial com títulos e postos hereditários…” (*Gênese das Naçõe*s, p. 203).

A Religião dominou a mentalidade medieval, mas para ele as cidades (como locais mais cosmopolitas, de trocas mais intensas e de um perfil mais flexível) salvam a Idade Média – **“a cidade tinha sido sempre o lugar mais conveniente para o desenvolvimento e crescimento do conceito democrático, e era o único lugar em que a vida política podia firmar-se”** (*Gênese das Naçõe*s, p. 204).

Parte a partir desse ponto, para a análise do caso árabe, destacando as particularidades do deserto que impede o desenvolvimento

de uma cultura construtiva. Por isso entre as tribos do deserto o Estado era sempre tribal (Estado primitivo controlado de acordo com as tradições, usos e costumes da religião); o máximo que poderia atingir era uma federação de tribos e o fator comum era a religião (daí o Estado teocrático, Estado geral das tribos árabes). Aqui **“Não havia chance para o surgimento e o progresso da lei civil e dos direitos civis e pessoais”** (*Gênese das Nações*, p. 207). O Ocidente medieval tentava também criar um estado teocrático sob domínio da Igreja.

O aparecimento das cidades e ativação do comércio, invenções tecnológicas, enfraqueceram os donos de terras e fortaleceram o rei (início do surgimento do nacionalismo); a plebe passou a ter opiniões e desejos próprios (dirigidos ao rei) e

opostos aos interesses aristocráticos feudais (exploradora). Assim, para Saadeh, **“O nacionalismo não apenas acabou com o poder dos senhores feudais e consolidou a autoridade na pessoa do rei, cujo governo autocrático crescia tão autoritariamente até se tornar opressivo, mas o nacionalismo continuou em direção ao objetivo que justificava a sua existência, isto é, a afirmação de um princípio de que a soberania emanava do povo, e que o Estado existia para o povo, e não o povo para o Estado”** (*Gênese das Nações*, p. 217).

Logo, ele vê o Estado a partir de um prisma democrático, aceitando a ideia iluminista e contratualista da vontade pública e geral, da vida comum, da vontade do povo e do

interesse do povo, possível pela representação política.

Assim, trata da formação das nações e de nações democráticas. Depois disso passa a tratar dos elementos que caracterizariam a nação, buscando os seus elementos constitutivos. Vê a Nação como fato social e passa a analisar as comunidades humanas, com forte influência novamente de Franz Boas, **“O compartilhar da vida gera um compartilhar de mentalidade e de características como costumes, tradições, dialetos, modas e equivalentes”** (*Gênese das Nações*, p. 228).

Assim, para Saadeh, a genealogia não basta. Há que se desenvolver um interesse público, uma personalidade coletiva, uma comunidade, **“A comunidade é uma**

unidade social cujos membros têm a convicção interna coletiva que possuem interesses suficientes para efetuar e assegurar a interação de suas atividades para efetuar e assegurar a interação de suas atividades, a interação de seus interesses e suas vontades, em uma vida pública e comum, em um nível cultural específico, dentre as fronteiras de uma área particular determinada de terra. (…) O país, que é a comunidade de nação ou a comunidade nacional, é o mais perfeito e o mais completo entre as comunidades sociais naturais” (*Gênese das Nações*, p. 244/245).

Recorre a Durkheim (grupo humano que tem a vontade, por razões étnicas ou históricas, de viver sob leis específicas e formar um estado), a Spengler (unidades

não linguísticas, políticas ou biológicas, mas espirituais) e a Mancini (sociedade natural de pessoas/unidade de territórios); a unidade seria então de origem (não de raça), unidade cujo ciclo pleno ocupa lugar em um país; unidade de costumes – **“os costumes abrangem casos de modas e condutas praticadas em circunstâncias específicas, tais como comer, beber, vestir, comportamento social e comemoração de feriados”** (*Gênese das Nações*, p. 271).

Assim, a questão central é a interação de uma comunidade com o meio e a constituição de uma estrutura comum, de um laço forte, mas não rígido. Pois para ele tradições rígidas são equivalentes a algemas e cadeias que devem ser rompidas, afinal, **“Cada progresso cultural realizado em**

uma nação produz novas tradições, mas as tradições distintas, que podem distinguir tal nação, devem nascer e surgir pela vida da própria nação” (*Gênese das Nações*, p. 274).

Mesmo a língua colocada por muitos como elemento fundamental de unidade é, para ele, um meio não uma causa de associação, sendo um erro definir a nação pela língua. O mesmo ocorre com a Religião que, por seu caráter universal não contribui para a formação da nação. Mesmo a cultura teria um aspecto geral comum a todos os povos, em graus variados; (parte compartilhada, parte própria). **“Para ser natural, a sociedade deve se submeter à unidade de vida e à consciência social. Isto significa**

que ela deve ser a questão de uma vida com um ciclo sócio-econômico

abrangendo o povo todo e acordando sua consciência social, isto é, um sentimento de unidade de vida e de unidade de destino, um sentimento que forma a personalidade social com seus interesses, sua vontade e seus direitos” (*Gênese das Nações*, p. 285).

“As religiões podem vir e aparecer sucessivamente, a literatura pode mudar, os costumes podem ser alterados, as tradições podem ser modificadas, a cultura pode desenvolver e avançar em uma nação sem afetar a lei do surgimento das nações e sem negar a existência da nação em qualquer forma,

até que todas as nações e nacionalidades deixem de existir e o mundo se torne uma única comunidade social sem nenhuma

barreira territorial ou social ou econômica” (*Gênese das Naçõe*s, p. 286).

Em tempos em que os discursos nacionalistas do ocidente e do oriente recorrem a elementos fundamentalistas e inflexíveis, em tempos de intolerância e segregação, essas lições de Saadeh são preciosíssimas e mostram como as transformações sociais e históricas deveriam ter um sentido diverso dos muros coloniais, das cercas civilizacionais e dos ódios raciais. Saadeh profeticamente sonhou com um mundo sem barreiras e muros, um mundo de uma verdadeira

globalização e não desta que nos dá imperialismo sob a máscara de trocas culturais.

*Professor do curso de graduação e do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Paraná.

“Como o homem é uma das manifestações da vida em geral, não é possível estudar sua origem separadamente, e então seria necessário considerar a seguinte pergunta: (de onde veio o homem?) dentro de um contexto mais abrangente, indagar: (de onde surgiu a vida?)”.

Antoin Saadeh

A teoria de Antoun Saadeh sobre o estado

O estado nacional democrático

Dr. Haidar Haj Ismael*

1 - **A teoria científica**: o surgimento do estado e sua evolução natural e cultural. **Introdução**: Antoun Saadeh distingue em seu livro científico sociológico entre o que é natural e o que é cultural. O natural é tudo que encontramos na natureza e aquele que nossa vontade não interfere em sua existência enquanto o cultural é tudo o que é feito pelo homem, especificamente, tudo o que é produzido pela comunidade humana. No que se refere ao cultural, Saadeh divide a cultura em dois tipos ou duas classes: a

---

* Professor universitário. Autor de muitos livros e estudos.

cultura material e a cultura psicológica ou (mental).

A cultura material é causada pela interação humana com a natureza. Tal interação é chamada, na ciência de economia política, o movimento do processo de trabalho (*labour process*). Assim, o estado é serve como um evidente exemplo da cultura mental.

Saadeh descreve o estado dizendo que: **"*o estado é o aspecto mais digno e representativo da vida mental intelectual*"**. O estado, então, **"*é puramente um assunto cultural*"**. E sua função, a partir do ponto de vista moderno conforme a visão de Saadeh **"é de lidar com a política da sociedade de um sistema que defina os direitos e os Deveres sejam por costume e**

uso – que foi originalmente o caso – seja por triunfo e tirania”.

O surgimento do estado: Antoun Saadeh indica duas teorias ou duas opiniões referentes ao surgimento do estado: a primeira teoria diz que o estado surgiu prioritariamente desde o início da humanidade e a segunda teoria afirma que o estado surgiu com o aparecimento da desigualdade social ou sistema das classes (*Gênese das Nações*, p. 28). Disse: **“uma teoria defende que o estado surgiu com o inicio da humanidade, enquanto que outra teoria afirma que o estado veio a existir onde que as diferenças sociais aparecessem”**, mas Saadeh pára por aí neste ponto, porque ele definiu desde início que seu método até especificado para estudar o assunto do estado que é um

método totalmente científico não especulativo e não filosófico.

Por isso, ele decidiu que o ponto da iniciação de seu estudo começa a partir da realidade do estado (*Gênese das Naçõe*s, p. 29). Assim, podemos observar que Antoun Saadeh começou a partir do estado onde ele é uma realidade analisando, estudando e acompanhando a evolução de tal estado. Ele tomou como base, para seu estudo, a Ideia de direitos (leis) ou como dizem leis da ideia dos direitos humanos.

Os direitos primitivos

Na base da referida ideia Saadeh, podemos constatar que ele é, de acordo com Maclver em sua descrição do estado contida no seu livro *O Estado Moderno* (*The Modern State*), afirmando que o estado é uma

instituição de direitos que desenvolve proporcionalmente de acordo com seu grau de correlação positiva com o nível das leis de direitos humanos (*Gênese das Naçõe*s, p. 30).

Os direitos primitivos: primeiramente, Antoun Saadeh fala sobre as leis primitivas dos grupos primitivos como as tribos primitivas usando tais leis como introdução para estudar as leis internacionais de direitos humanos, e indicando que as leis e a religião eram como se fossem a mesma coisa (*Gênese das Naçõe*s, p. 31), pois a lei e o direito eram determinados, naquela época, pela religião e pelos os seus homens a partir dos seus sacerdotes e feiticeiros. Ele cita exemplos dos direitos primitivos de casamento da exogamia que era adotado entre comunidades que tivessem boas

relações entre si e que era um casamento de grupos, não casamento de indivíduos. O casamento naquela época era realizado sem contrato, mas através de intercurso livre permitido entre homens de um grupo e mulheres de outros grupos. Assim era legalizado o casamento. Ele cita também que as leis daqueles grupos primitivos eram baseadas sobre os direitos maternos e acompanhada por tais direitos, o que significa que as crianças pertenciam ao grupo da mãe e permaneciam na guarda dela (*Gênese das Naçõe*s, p. 32). Após os direitos maternos, surgiram os direitos dos pais (direitos paternos) e, naquele tempo, o direito era coletivo (grupal) não individual. Mas após o desenvolvimento da sociedade, o casamento exogâmico avançou em direção a individualidade e com tal

desenvolvimento tornou-se necessário providenciar um contrato de casamento. Saadeh notou também exemplos de leis de direitos humanos primitivos que aparecerem, mais tarde, dentre os povos primitivos como o direito de casamento por compra, o direito de escravidão e o direito da vingança. É bom saber que a vingança não era para executar punição nem para estabelecer justiça social, mas para exigir compensação pela perda sofrida. Afinal, podemos dizer que os direitos primitivos são apenas direitos familiares privados que não oferecem nada para esclarecer a existência do estado. Chamamos a atenção que tais direitos não deverão ser entendidos no sentido técnico exato do termo lei (*Law*), mas no sentido de costume, de hábito, de religião, de ilusões e delírios prevalentes,

no grupo humano primitivo, seguidos pelos antepassados (*Gênese das Naçõe*s, p. 33).

Os direitos internacionais:

Saadeh disse, concordando com A. Vierkandt, que **"o estado, como uma realidade, só podemos encontrá-lo numa sociedade onde encontramos uma força física que possa dominar, impor suas regras e amedrontar"** (*Gênese das Naçõe*s, p. 34) sobre a base desta regra, quer dizer força física, Saadeh disse que há três tipos de estados em desenvolvimento: **"o estado primitivo, o estado histórico e o estado moderno"**.

O E**stado primitivo**: no estágio primitivo, surgiu o estado de Totem local onde os clãs de tribo se reunirem ao redor de Totem. Em seguida, evoluiu o estado e tornou-se

estado do líder cabeça ou chefe da tribo (*chaikh*) (*Gênese das Naçõe*s, p. 35). A legislação neste estado tribal era baseada, inicialmente, sobre magia, feitiçaria, costume e tradições dos ancestrais sagrados que foram expressados pelo poeta quando disse: **“Seguimos os passos de nossos ancestrais e fazemos as coisas que eles costumavam fazer”**. Na zona leste de Austrália onde vivem os clãs de tribos indígenas (*aboriginals*), o chefe de um dos clãs com os dos anciões de seu clã apresentavam uma proposta elogiável que se tornava uma lei enquanto **“no sudeste da Austrália, os mágicos e os adivinhos apresentavam tal proposta”** (*Gênese das Naçõe*s, p. 36). Saadeh afirma que: **“O estado primitivo tem três formas principais que são: a democracia, a**

autocracia e a aristocracia ou governo pelo povo, governo por indivíduo com absolutos poderes e governo por uma minoria privilegiada”. Antes da conclusão de nosso artigo relativo ao estado primitivo, deve-se notar que tal estado não era organizado em instituições de departamentos enquanto no estado histórico, podemos constatar que há departamentos estatais organizados e há direitos legais elaborados e registrados (*Gênese das Naçõe*s, p. 37).

O estado histórico: O estado histórico, segundo Saadeh, **“é o estado dos povos culturais que passaram da idade da pedra para a idade do metal, sendo estes da Síria (Babilónia e terra de Canaã) e os Hamitas do Egito”**. Este estado é o estado da terra e do rei. Saadeh cita que a

passagem ou transição do estado primitivo para o estado histórico não aconteceu imediatamente de uma só vez, mas há um estágio médio que se encontra entre os povos primitivos e povos culturais. No estagio médio definido dentre os povos primitivos e povos culturais, encontramos o Império Azteca, do México, e o Império Inca, do Perú (*Gênese das Naçõe*s, p. 38). Saadeh menciona também que os sérvios e os mongóis eram irmãos dos povos culturais, mas não conseguiram por circunstâncias e condições próprias em alcançar o grau dos estados históricos culturais (*Gênese das Naçõe*s, p. 39). Depois do exposto, Saadeh entra em detalhes na análise do estado islâmico maometano (*Gênese das Naçõe*s, p. 40). Mas há outros impérios criados pelos povos

culturais que surgiram por um fator de força como, por exemplo, os mais famosos destes impérios: o estado babilônico, o estado Assírio, o estado novo Babilônico, ou Caldeu, e o estado Egípcio, em Memphis.

É bom chamar a atenção que tais estados históricos foram criados pelos Deuses de acordo com a antiga crença que foi dominada naqueles tempos (*Gênese das Naçõe*s, p. 41). O rei, nos referidos estados, é subordinado somente para os Deuses. Assim era a situação dos impérios territoriais.

Nas costas do mar, os Fictícios fundaram o primeiro império marítimo no mundo que começou na cidade de Sidon alcançando seu maior progresso em Tiro e continuou, depois, seu avanço em Cartago. Em todos os países acima mencionados e outros

países mais antigos, a comunidade humana foi conhecida através do estado e o povo acompanhava o estado e segui-lo (*Gênese das Naçõe*s, p. 42).

O estado moderno: Saadeh disse que o estado moderno foi fundado em dois princípios que são:

o princípio do nacionalismo e o princípio da democracia. Ele afirma também que os dois princípios são homogêneos em perfeita harmonia ressaltando que não há verdadeiro nacionalismo ou princípio nacional sem democracia como não há verdadeira democracia sem nacionalismo ou princípio nacional (*Gênese das Naçõe*s, p. 43). O estado moderno, então, é o estado nacional democrático, isto é, estado-nação democrático com sua essência que se

resume pelo princípio que disse: **“não há povo para o estado, mas há estado para o povo”** (*Gênese das Nações*, p. 44).

Em vista do exposto acima, é bem claro que a base do estado moderno contrasta fortemente com a base e a fundação sobre a qual todos os estados anteriores foram estabelecidos. Os estados anteriores estabelecerem-se sobre o princípio da força autoritária despótica e não sobre a vontade popular livre. A grande mudança aconteceu no mundo graça ao surgimento e aparecimento da consciência nacional. Saadeh disse: **“sob a influência desse novo fator, o fator nacionalista que manifestou no nascimento do espírito comum da comunidade humana e na opinião pública, o significado do estado se transformou de um poder governante**

despótico em uma comunidade que se autogovernava soberanamente”. Em seguida, ele adiciona dizendo: **“o meio que capacitou a comunidade humana e lhe permitiu colocar este novo principio em prática, foi a representação política”** (*Gênese das Naçõe*s, p. 45). No estado moderno, as leis jurídicas de direitos alcançaram os mais amplos círculos e o julgamento tornou-se válido quando obedece aos princípios populares e respeita as leis dos direitos humanos. Observação: note-se que Antoun Saadeh apontou no seu estudo referente ao tema do estado moderno aos E. Jenks e R. M. Mclve

A visão filosófica moral
O estado a ser fundado

Podemos entender melhor o conceito filosófico de estado que Saadeh visava

estabelecer nos cinco princípios de reforma planejados por ele. Exigindo dos adeptos do movimento nacionalista social lutar para fundar tal estado sob cinco características que seguem:
1 – característica mundana: isto é, o estado competente deve se preocupar e lidar com os assuntos mundanos e as coisas deste mundo especialmente com base no princípio da nação. Por isso, o primeiro princípio da reforma exigiu a **“separação entre a religião e o estado”**, tendo terminado o papel do estado religioso na era das nações e nacionalidades.

2 – característica científica ou especializada: não até permitido mais para não especialista, como o clero, de interferir nos assuntos do estado, especialmente

assuntos políticos e judiciais. **3** – igualitarismo: que exige que o sistema estatal não permita qualquer tipo de privilégios para qualquer parte ou facção ou classe ou grupo. Quer dizer que o sistema da igualdade nos direitos e deveres dos cidadãos é à base do sistema estatal.

4 – a justiça social-econômica: significa que o sistema econômico do estado é um sistema baseado na produção que inclui produtos agrícolas, industriais e intelectuais, sendo que tais produtos deverão ser para os produtores. **5** – a segurança e paz: serão garantidas por um exército forte de defesa nacional que tenha um valor eficiente para decidir o destino da nação e da pátria. Aquelas características acima referidas são a breve

imagem do estado nacionalista social planejado por Saadeh.

Agora, perguntamos sobre a relação entre esta imagem e os estados que surgirem na história? O que podemos encontrar?

A resposta que não tem nenhuma dúvida é que o **estado nacionalista-social** planejado por Saadeh é do mesmo modelo do estado moderno que foi descrito no seu livro *Gênese das Naçõe*s, e que significa: **o estado nacional democrático mundano.**

Dr. Haidar Haj Ismael – Professor universitário. Autor de muitos livros e estudos.

91

Antoun Saadeh: o conceito evolutivo de surgimento da espécie humana

Prof. Youssef Mousmar*

O autor do livro *Gênese das* Nações, o sociólogo sírio Antoun Saadeh, disse que: **"...após a exame e conhecimento de um assunto, podemos chegar a formar uma opinião sobre o assunto em questão. Assim não deixamos nenhum espaço ou motivo para uma confusão"**. Em vista disto, podemos, ao ler e analisar, cuidadosamente, o livro de Saadeh, perceber que a primeira característica que

---

* Autor e tradutor público juramentado.

Conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico do Paraná – Curitiba, Brasil, 27/11/2012.

chama a nossa atenção, é o estilo ou o método científico baseado na lógica, na pesquisa científica, nas investigações aprofundadas, perseverança e paciência em lançar luz sobre a realidade das coisas do estudo através de uma mente aberta que ajudou o autor a elaborar e formular seu livro que é uma necessidade urgente e indispensável para aqueles que procuram compreender a realidade social da melhor maneira possível.

A obra de Saadeh, *Gênese das Nações*, então, é um livro de categoria que merece ser lido e analisado seriamente e com a máxima atenção, cuidado e devido interesse porque a referida obra é um estudo sociológico cujo objetivo como disse o autor em sua introdução: **“... é explicar a realidade social humana em seus**

estágios, circunstâncias e natureza” (p. 23), acrescentando que a *Gênese das Nações* **“...é um trabalho sociológico puramente científico, no qual eu evitei, tanto quanto possível, as interpretações, as conclusões teóricas e todas as formas de filosofia”** (p. 26). Ele declarou também que o livro acima mencionado foi feito e elaborado para ser considerado como base essencial sobre a qual poderá estabelecer o movimento despertador nacional, dizendo: **“...em função da urgente necessidade de uma base cientifica para o renascimento nacional, decidi entregar o único manuscrito para imprimir na sua versão original...”** (p. 27).

Com base no exposto, concluímos que Saadeh teve que preparar sua obra não é para satisfazer desejos pessoais, nem para

ganhar dinheiro e não também para ter uma reputação de um escritor famoso, mas ele preparou e elaborou tal obra a fim de ser uma base científica para o renascimento nacional.

A partir da introdução, Saadeh esclarece que o trabalho foi preparado em dois volumes por causa de um propósito explicito a fim de ser uma base científica de um movimento renovador da nação como ele explicou claramente na sua introdução dizendo: **“O livro um, estuda a definição de nação, a maneira na qual ela se forma, seu lugar no curso do desenvolvimento humano e suas relações com as manifestações da vida em sociedade,** enquanto o livro dois **trata do assunto da formação da nação Síria, seu lugar no curso do desenvolvimento humano e suas**

relações com as outras nações e suas tendências em geral” (p. 27-28). Os materiais do livro dois foram apreendidos pelas autoridades francesas e os documentos foram confiscados durante a segunda onda de detenções no Verão de 1936. E ainda tais materiais continuam confiscados.

Entendemos, através da introdução do livro, que o propósito final de Saadeh é a preparação de estabelecer base sólida para um renascimento nacional tanto para sua nação quanto a outras, procurando esclarecer, o máximo possível, os fatos de associação humana a fim de entender melhor as realidades das nações e nacionalismos.

Se acompanhamos e seguirmos os textos de Sadeeh capítulo após capítulo**,** constatamos que o livro estuda e examina o surgimento da espécie humana, acompanhando o desenvolvimento da humanidade em todos os estágios de sua evolução, em todas as épocas e em diversos aspectos materiais e espirituais. Analisando, discutindo e criticando as interpretações, as teorias e concepções: religiosas, científicas, raciais, sociais, econômicas, políticas e sociológicas de muitos cientistas e estudiosos que trataram o assunto em questão e em vários países e diversos idiomas procurando dar uma explicação mais evidente e baseada em provas reais e práticas.

Saadeh começou o livro, no primeiro capítulo, com o assunto mais importante e

mais grave que enfrentou a humanidade e ficou sem resposta definitiva desde o início da história humana até nossos próprios dias e continuará, a nosso ver, sem resposta convincente até o fim da história das gerações humanas sobre o planeta Terra. Este assunto importante e grave, sem duvida, é: **“o surgimento da espécie humana”** (p. 29) que foi o título do primeiro capítulo.

Saadeh apresenta duas abordagens ou dois métodos para interpretar o acontecimento de surgimento da espécie humana: o primeiro se baseia na interpretação religiosa e o segundo com base na interpretação científica. As duas interpretações são amplamente conhecidas de todos os povos do mundo.

Constatamos, através das duas interpretações, uma importante observação que é a de que Antoun Saadeh não procurou fazer uma comparação entre a ciência e a religião, mas sim uma distinção entre a abordagem adotada pelos cleros e da metodologia da ciência adotada pelos cientistas. Esses dois métodos produziram dois tipos de interpretação relativos ao surgimento da humanidade. Constatamos também que ele preferiu o método científico para esclarecer a realidade social e acompanhar o desenvolvimento da humanidade a partir do surgimento da espécie humana até a formação da nação e o aparecimento de nacionalismo.

Chamamos a atenção de que Saadeh quando preferiu usar o método científico em um assunto que é da especialização da ciência,

nunca quis negar e ignorar a importância e a influencia da religião na vida dos seres humanos, Mas ele não quis confundir entre o estudo sociológico e o estudo religioso porque cada um tem seu próprio campo e seus próprios assuntos. Se quisermos a opinião de Saadeh sobre a religião podemos encontrá-la no seu artigo que foi publicado em 1940 no jornal *Nova Síria*, em São Paulo, Brasil, onde ele disse: **"...Se a religião não foi capaz de fornecer as provas lógicas e mentais que podem tranquilizar as almas das pessoas e podem oferecer respostas a questões não alcançadas pela ciência moderna, como podemos ver que os adeptos de tais religiões correm entusiasmados para a luta e sacrifício?** Disse também: **"...se os crentes não encontraram em sua religião**

os meios e as regras úteis que podem organizar suas vidas e atender suas necessidades neste mundo antes de passarem para o outro, nunca abraçaram tal religião e ficaram agarrados a ela...”.

O método religioso, que foi baseado em um contemplativo conto de fadas ou numa história especulativa imaginária, tem sua interpretação, enquanto o método científico tem outra interpretação baseando-se nos passos seguintes que são: observação, pesquisa, análise, empirismo, estudo, comparação, lógica, crítica, indagação, indução investigação e inferência e todos os meios disponíveis que poderão utilizados pelo talento do homem. Assim, podemos descobrir o motivo que levou Saadeh a criticar e recusar a interpretação religiosa

dos eclesiásticos baseada no julgamento conceitual e imaginário e, ao mesmo tempo, sem negar a religião e sua influência e sem desvirtuar o lugar da religião e seu impacto eloquente na vida das pessoas. Poder também saber a razão de preferir adotar a abordagem científica em sua pesquisa referente ao surgimento da espécie humana que foi baseada na investigação, estudo e análise**,** ficando, somente satisfeito com a crítica da interpretação científica sem rejeitá-la, concordando com algumas explicações, registrando suas observações, oferecendo suas sugestões e apresentando seu ponto de vista e sua opinião. Por tudo isso foi preferida a abordagem científica e seus métodos por Saadeh para estudar e pesquisar o surgimento da espécie humana que se limita aos dois processos: processo

da criação e processo da evolução. Se dermos uma breve olhada sobre a religião, podemos concluir que a religião, de acordo com o ponto de vista de Saadeh é a tendência para tranquilizar o ser humano que vivia preocupado diante da morte e do destino. E, por este motivo**,** Saadeh expressa esse fenômeno no seu trabalho *Gênese das Nações* dizendo que o homem: **“*começou a especular que provinha de um mundo que não o mundo em que vivemos e ao qual retornaria depois da morte de seu corpo. Essa avançada e elevada especulação imaginativa não era algo que o homem tivesse tomado consciência da mesma maneira que era conhecedor dos objetos físicos existentes na escada da ascensão do intelecto humano, precedido***

***por diversas e estranhas teorias obscuras...*”** (p. 29).

Em vista do exposto acima, devemos distinguir entre a religião que é um tipo de filosofia e o estudo da sociedade em seu surgimento e desenvolvimento que é uma ciência social e devemos também esclarecer a diferença entre as duas teorias: a teoria de processo da criação e a teoria de processo de desenvolvimento evolutivo ou evolução. Antoun Saadeh era bem franco, correto, realista e objetivo quando disse: **“a Gênese das Nações é um trabalho sociológico puramente científico, no qual eu evitei, tanto quanto possível, as interpretações, as conclusões teóricas e todas as formas de filosofia, baseando os fatos em fontes confiáveis, empenhando-me, o máximo possível, em encontrar os fatos técnicos**

mais recentes que iluminam trabalhos internos de manifestações sociais e previnem a passagem de julgamentos arbitrários, a partir destes” (p. 26). Saadeh não negou a religião e seu papel, mas rejeitou as interpretações imaginárias, fictícias, que se baseiam em suposições, adivinhações e ilusões. Ele procurou incentivar as mentes a abandonar os mitos e especulações, avançando, o máximo possível para adaptar a ciência que respeita a realidade natural para melhorar tanto o nível da ciência quanto o grau da religião e ampliando os horizontes dos ideais dos povos. As mentes conscientes distinguem facilmente a diferença óbvia entre um estudo baseado na meditação e adivinhação e outro estudo baseado na realidade natural, pesquisa e investigações principalmente

quando queremos formar uma opinião lógica e elaborar um conceito razoável. Os resultados, sem dúvida, são diferentes e nunca a realidade se torna ilusão nem a ilusão se transforma em realidade. Saadeh acrescenta também, dizendo: **“O presente estudo, não possui a pretensão de levar-nos ao caminho dos estudos filosófico/científicos”** (p. 37).

Saadeh usou em todas suas obras um método que rejeita qualquer tipo de confusão recusando toda perplexidade e dúvida, visando sempre definir as coisas da melhor maneira que pode ser, pois a definição das coisas conforme o ponto de vista de Saadeh **“é uma condição essencial e necessária para esclarecer qualquer assunto ou situação, pois o esclarecimento das coisas é a situação**

natural que caracteriza a mente autoconsciente e lúcida que tem capacidade de chegar a entendimento melhor”.

A grave pergunta que preocupou os seres humanos e enfrentou, quase todos os clérigos e cientistas, instrutores e estudantes, é a seguinte: **“donde e como veio o ser humano a existir?”**. A resposta religiosa foi decisiva e determinante que é: **o ser humano veio a existir por criação como todas as criaturas que foram criadas diretamente por Deus. A criação foi simples, direta e independente de qualquer outra espécie**. Enquanto a resposta científica tomou outro rumo e defendeu **o processo da evolução, no sentido em que se aplica às plantas, aos animais e aos homens, é a transformação**

de uma espécie de vida em outra espécie. Essa teoria, conforme o parecer de Saadeh, **“foi como o resultado de observações minuciosas e cuidadosas que não tiveram a oportunidade de serem concluídas ou completadas por investigações suficientes, até o surgimento do Darwinismo no século 19**” foi alertado para esse fenômeno por IBN KHLDOUN em sua introdução como também foi referido anteriormente pelo filósofo Sírio ABU AL-ALA- ALMAARRI.

Perante as duas teorias (religiosa e científica) Saadeh observou que as duas escolas divergiram **“sobre os assuntos concernentes ao surgimento da vida, aos fenômenos do universo e à realidade das coisas em geral”** (p. 31). Ele disse no seu livro: **“A escola científica descobriu que o**

homem era simplesmente um dos muitos seres vivos, e que o ele submetia-se às mesmas leis naturais aplicáveis a todas as criaturas vivas. Assim é que, onde a vida em todas suas manifestações e aspectos é impossível, o homem não pode viver e sobreviver. Como o homem é uma das manifestações da vida em geral, não é possível estudar sua origem separadamente, e então seria necessário considerar a seguinte pergunta: (de onde veio o homem?) dentro de um contexto mais abrangente, indagar: (de onde surgiu a vida?)”.

Saadeh analisou e criticou, científica e logicamente, as duas interpretações (religiosa e científica), mas escolheu a ciência e contrariou a interpretação religiosa porque o assunto de surgimento da

vida humana necessita muitas pesquisas, análises e investigações e deve ficar longe de adivinhações, ilusões e mitos.

Se a ciência, segundo Saadeh, não podia determinar corretamente o tempo exato em que a vida começou nem a maneira na qual a evolução ocorreu, não tem sido capaz de determinar a maneira exata em que as espécies se desenvolveram nem esta apta a determinar o lugar onde a espécie humana surgiu e se desenvolveu, no entanto, isto não significa que a ciência tem sido incapaz de desvendar o mistério referente às diferenças formas de existência e referente às diversas espécies. Por outro lado, Saadeh disse: **“as verdades e os fatos biológicos, antropológicos, químicos, geológicos, alem doutros fatos e evidencias achados pela ciência, possibilitam reconhecer,**

através de demonstrações lógicas e racionais, a inter-relação de todas as formas de existência na cadeia da evolução da vida” (p. 24).

Qual é a explicação religiosa relativa ao surgimento do homem?

Como o raciocínio religioso resumiu tal interpretação?

A resposta religiosa explicou a criação da espécie humana por uma criação independente conforme a seguinte maneira mencionada na obra de Saadeh: **“o senhor Deus fez do pó da terra uma massa, formou o homem, e soprou nesta formação um fôlego de vida. Assim, Deus criou um só homem (ADÃO) e então de sua costa criou uma só mulher (EVA) encarregando-se a lei do processo da**

procriação em explicar a circulação e o crescimento (proliferação) dos seres humanos sobre a face da Terra”. Podemos observar que o processo de surgimento da espécie humana foi de acordo com a explicação religiosa, uma composição independente, separada de outras espécies, direta, simples, não complicada, razoável, fácil para ser entendida e não precisa muitos esforços mentais para ser compreendida. Mas se examinarmos cuidadosamente a explicação do processo citado acima, concluiremos que tal explicação não é precisamente lógica e mentalmente confiável, pois a criação é uma coisa e a composição é outra. A criação significa fazer existir um algo do nada, enquanto a composição é formar um algo de varias coisas. O conto acima

referido explica que Deus misturou o pó e líquido fazendo uma massa e soprou naquela massa, um fôlego de vida.

Assim foi o processo da existência do individuo masculino. Esse processo é uma composição não criação. Após a formação do individuo masculino, Deus extraiu uma costa do homem masculino e formou uma fêmea (mulher). Assim, foi realizado outro processo, mas essa vez é um processo de extração e não de composição. Seguindo os dois processos de composição e extração veio a se realizar o terceiro processo que é o processo de reprodução. Assim, a reprodução humana garantiu a proliferação e crescimento dos seres humanos. Com base nessa história, foram fundadas e espalhadas todas as interpretações religiosas e a maioria dos estudos dos clérigos

referentes ao surgimento da espécie humana.

Qual é a explicação científica relativa ao surgimento do homem?

Como o raciocínio científico resumiu tal interpretação?

A resposta científica explicou o surgimento da espécie humana por evolução, não por criação, como constatamos, através da observação de Saadeh, que disse: **“*...A escola científica descobriu que o homem era simplesmente um dos muitos seres vivos, e que ele submetia-se às mesmas leis naturais aplicáveis a todas as criaturas vivas. Assim é que, onde a vida em todas suas manifestações e aspectos é impossível, o homem não pode viver e sobreviver. Como o homem é uma das***

manifestações da vida em geral, não é possível estudar sua origem separadamente, e então seria necessário considerar a seguinte pergunta: "De onde veio o homem?" dentro de um contexto mais abrangente, indagar: "De onde surgiu a vida?".

Esta é a visão científica para explicar o aparecimento do ser humano.

Notamos aqui que a ciência não tocou no assunto de Deus Criador, nem para o processo da criação. Mas foi suficiente indicar para a fonte de surgimento do homem, isto é: **"A VIDA"**, sem indicar para o **Criador da vida**, nem para a maneira de criação ou **surgimento da VIDA** se ela foi submetida ao Criador ou não. A evolução da vida, de acordo com o

ponto de vista de Saadeh, originou a evolução de todos os aspectos da vida e todos os seres viventes incluindo a evolução da espécie do homem. O que levou ao desenvolvimento do tipo desta espécie, portanto, foi saber quando a ciência chegou a relatar o surgimento do homem era depende da evolução, ela não baseou sua conclusão sobre uma história ou novela transmitida através das gerações tomando o caráter de santificação nos livros de mensagens religiosas e tornou-se comum entre os povos, mas a ciência tomou outro meio que é o caminho que leva o cientista à pesquisar, olhar, observar, examinar, discutir, testar, investigar, acompanhar e vigiar tudo o que é útil para alcançar as respostas razoáveis e mais próximas à lógica e realidade no processo de

surgimento da espécie do homem. Esse processo é, ainda, continua como assunto mais discutível entre os cientistas e pesquisadores e submetido a varias opiniões e teorias que são, às vezes, compatíveis, conflitantes em outras vezes e variadas em muitos casos.

A força maior, ou Deus que fez existir a vida, não revelou seu segredo a ninguém, tanto para os clérigos quanto aos cientistas, mas ele deu ao homem o dom da mente que tem a capacidade de distinguir, agir, relembrar, imaginar, raciocinar, pensar, estudar, pesquisar, discutir, aceitar, concordar, recusar, recuar, avançar, organizar, destruir, construir, descobrir, inventar e fazer tudo que o potencial material e mental permite para chegar a respostas lógicas, razoáveis e satisfatórias.

O assunto do surgimento da espécie humana ainda continua o maior assunto que desafia os pensadores, pesquisadores, cientistas, filósofos e escritores que manifestaram muitas opiniões e teorias às vezes compatíveis e coerentes e outras vezes opostas e conflitantes. Repetimos que a forca criadora não revelou o segredo da existência do mundo nem para os cleros nem para os cientistas, como também não deu, ao homem, o dom da mente para ser paralisado perante qualquer situação ou acontecimento ou fato ou ponto de interrogação ou segredo maior, mas ele deu tal dom para utilizá-lo nesse mundo e glorificar o doador que jamais aceitara suas dádivas tornar-se paralisadas e sem valor. Ele deu aquele dom, ao cientista, para estudar e analisar a natureza das coisas, ao

filósofo, para refletir e meditar afim de colocar os valores intelectuais em seus lugares e suas posições e, ao clérigo, para orientar e guiar as pessoas em direção de praticar as belas virtudes e melhorar seus comportamentos para conviver com harmonia e paz.

Com vista do exposto, compreendemos e entendemos facilmente as palavras de Saadeh quando disse na sua sétima conferência, página 171, no seminário cultural: ***"... A mente humana não foi feita em vão. Não há mente humana para ser amarrada e paralisada. A mente do homem existiu para conhecer, perceber, refletir, distinguir, definir alvos, agir e reagir neste mundo... a mente do homem é a constituição superior mesma. Ela é a lei essencial e fundamental. Ela é o dom***

maior que o homem possuiu. A mente é o talento de distinção que foi dado ao homem para distinguir as coisas na vida. Se foram impostas regras para impedir o talento da distinção humana, acabar com as forcas da percepção e compreensão e anular o potencial da mente, o resultado é, sem dúvida nenhuma, o desaparecimento da característica essencial do homem o que significa que ele não seja mais homem, mas ele será degenerado obviamente e evidentemente ao ponto das bestas que vivem sem mente e sem conscientização...”. Ele acrescenta também na mesma conferência, página 172, o texto seguinte: **“*A lei de Deus desprovida de mente consciente distintivo, foi feita especificamente para objetos inanimados e animais enquanto o homem foi dado a***

faculdade de distinção e conscientização par lidar com seus assuntos e adaptá-los para beneficiar seus grandes interesses e propósitos na vida.

Não é mentalmente razoável, então, que o próprio Criador **faça paralisar e acabar com a referida faculdade através de uma lei permanente, rígida e eterna...”**. Deus deu ao homem o talento da mente para usá-lo, não para abandoná-lo ou prejudicá-lo ou estragá-lo. O talento da mente incentiva o cientista a pesquisar e procurar descobrir as realidades das coisas mundanas, guia o sacerdote ao verdadeiro caminho da religião que se encontra na reflexão concernente ao destino e vida eterna como Saadeh disse em sua sétima conferência página 166 em 1948: **“O talento da mente tem que guiar o clero a fim de trabalhar com idéias**

religiosas filosóficas ou teológicas referentes aos segredos da alma, da eternidade, do criador e além do material” e a não confiar em romances falsos e hipotéticos de fantasia. Assim, o filósofo IBN RUSHD disse: “**Não é possível que Deus nos dá mentes e nos dá ao mesmo tempo, leis que violam a essência de tais mentes**”.

A conclusão que podemos tirar, através deste estudo, é que o sociólogo Antoun Saadeh era claramente um cientista em seu trabalho quando definiu sua abordagem de uma maneira que não permite para qualquer tipo de duvida ou confusão considerando a ciência como abordagem clara e única para obter o conhecimento real e correto que poderá ajudar os estudiosos a desenvolver e progredir além de abrir imensos campos de

informações, conhecimentos e experiências para descobrir os fatos de coisas misteriosas, especialmente após a ciência ter provado, como disse Saadeh: **“*que as várias ciências naturais tem provado que a vida é muito mais antiga do que foi alegado pela interpretação religiosa, e que as espécies, tanto da fauna como da flora, estão ligadas a uma conexão tão íntima a* ponto de negar o princípio da criação independente. Ademais disso, a química provou a unidade dos elementos que compõe a matéria orgânica e inorgânica** (p. 38). Sublinho, aqui, que Saadeh está de acordo, neste ponto, com Weinart, Ursprung.

Saadeh adotou em sua pesquisa mais de um tipo de ciência, especialmente a biologia,

antropologia, geologia, paleontologia, zoologia, botânica, etc... (p. 22/23).

Saadeh concordou com a teoria de evolução referente ao assunto de surgimento da espécie humana, pois a evolução foi cientificamente provada através de várias demonstrações e, como disse Saadeh no seu livro *Gênese da Nações*: **“Certas plantas mostraram estranha capacidade para evoluir e evoluírem, e o homem próprio também evoluiu após seu aparecimento e ter sido submetido a um grau considerável de evolução, desde a sua origem até o estágio de homem moderno, como mostra a grande diferença entre o homem moderno e o homem Heidi-Berg ou o homem Neandertal”** (p. 4) enquanto a história religiosa não tem nenhuma evidência ou prova. A história religiosa

exige que o homem acredite nela como um óbvio ou auto-evidência e não sujeito a qualquer discussão, contrariando a ciência que não reconhece Fé senão após o conhecimento.

A disputa ainda está fervendo entre os cientistas e os clérigos, e também entre os próprios cientistas em si. Entre aqueles que apoiam a teoria de processo da criação e aqueles opositores que apoiam a teoria de processo da evolução. Até mesmo alguns evolucionistas creem que um criador originou o processo da evolução e a maioria deles ensina atualmente que a vida surgiu de matéria inanimada, sem qualquer intervenção divina, como foi afirmado pelo evolucionista **SIR JULIAN HUXLEY**, no centenário do darwinismo de Chicago, em 1959, onde disse que: **“na evolução não ha**

lugar para o sobrenatural. A Terra e seus habitantes não foram criados, eles evoluíram” (p. 6) **(O homem veio a existir por evolução ou por criação)**. Na mesma conferência, **Huxley** disse aos 2500 delegados reunidos em Chicago as seguintes palavras: **“todos nos aceitamos o fato da evolução... A evolução da vida não é mais uma teoria. Ela é um fato. É a base de todo o nosso modo de pensar”**. O livro: *Biology for You* (*Biologia para Você*), de 1963, confirma isto, dizendo: **“todos os biólogos de renome concordam em que a evolução da vida na terra é um fato estabelecido”** (*Biology for You – Biologia para Você*) até mesmo muitos lideres religiosos têm este conceito. O jornal de Milwaukee, nos Estados Unidos americanos (USA), de 5 de março de

1966, noticiou que o pastor da igreja católica de **St**. **James** fez uma firme declaração aceitando a evolução dizendo: **“não há nenhuma dúvida sobre o fato da evolução”**, disse ele**.** A notícia contou que o sacerdote sublinhou a palavra **“fato”**. O resultado concluído por Saadeh, através de seu estudo nos anos trinta de século passado antes de muitos cientistas contemporâneos, nos mostra que o surgimento do homem veio a existir por processo da evolução que foi cientificamente provado e não há nenhuma dúvida sobre tal evolução, mas não foi provado como ocorreu o referido processo nem o tempo em que ocorreu nele, não foi provado exatamente também em que meio ambiente ocorreu. Saadeh disse ainda que os cientistas não concordaram como a forma da evolução aconteceu: se

lenta ou súbita ou através de série de mudanças ou sob influência do meio ambiente ou sem tal influência. Saadeh deixa a resposta sobre as questões mencionadas acima para os cientistas completarem as pesquisas e investigações no futuro e ele disse na página 41 do livro da sua autoria: **“a evolução da vida tem sido parcialmente provada através de varias demonstrações como a estranha capacidade de certas plantas evoluírem**”. Ele usou a palavra **“parcial”** referente à prova e não prova **“total”**. Ele disse também: **“Não podemos determinar corretamente o tempo exato em que a vida começou, nem é possível encontrar e estabelecer evidências, no sentido amplo da palavra, da maneira na qual a evolução ocorreu, desde o início da vida**

até o surgimento do ser humano, pelo fato de nenhum escritor estar presente na época para documentar os detalhes de um evento ou acontecimento de tanta importância e relevância. Se alguém solicitasse à ciência que descrevesse a evolução de cada criatura viva exatamente como ocorreu, ele não obteria respostas satisfatórias. No entanto, a interpretação científica possibilita de evidências, constituindo-se em provas razoáveis de como fomos formados e como viemos a existir, cabendo ao indivíduo, estudioso dessas evidências, determinar se é suficiente para convencê-lo ou não” (*Gênese das Nações*, p. 40**).**

Algumas pessoas imaginam e acreditam que o sociólogo Sírio Antoun Saadeh

concorda completamente com a opinião de William Darwin e outros cientistas evolucionistas que acham que a evolução ocorreu de acordo com a seguinte maneira: de objetos inanimados, às plantas, aos animais, e ao homem, mas podemos dizer que a referida suposição é completamente não está correta. É verdade que Saadeh concordou com aqueles que acreditam no processo da evolução, ele também disse que o homem veio a existir por evolução que foi cientificamente provada com prova parcial, mas Saadeh mesmo disse que se queremos saber de onde veio o homem, precisamos ainda saber de onde veio a vida porque o homem é uma das manifestações da vida. O homem é semelhante às outras manifestações da vida como plantas e animais que são também dois aspectos de

tais manifestações e cada uma destas espécies tem sua própria evolução, mesmo se aparecer a muitos que **“o fim do horizonte de alguns, estava pronto a se tornar o começo da órbita de outros”** (*Gênese das Naçõe*s, p. 34). O ponto comum mais importante ou o denominador comum, entre os aspectos da vida ou as varias espécies, é que todas estas espécies são criaturas vivas ou viventes. Por consequente, é necessário que estas espécies são semelhantes em algumas características. Podemos também constatar que há semelhanças mais notáveis entre umas espécies do que outras. No princípio era a vida e sem a existência de vida não existe nada de aspecto ou espécies viventes. Na verdade, há correlações entre as espécies e todas as provas científicas

afirmam as ligações e correlações entre os organismos vivos, como disse Saadeh: **“a ciência tem sido capaz de fornecer evidencias convincentes de que as numerosas espécies que ocupam o mundo são variedades da mesma vida em geral, compostos dos mesmos elementos primários que se estendem a uma série de processos evolucionários, cujo início esta escondido em uma série de mudanças geológicas”** (*Gênese das Nações*, p. 40).

Mas as correlações supra-citadas não significam de nenhuma maneira que o ser humano era um macaco antes de se tornar homem e todos os cientistas que afirmaram que a espécie humana é descendente da espécie de macacos se encontraram com aqueles clérigos que basearam suas

interpretações sobre uma fictícia romance não confiável. Assim, podemos concluir que tais cientistas abraçaram um método semelhante ao método dos religiosos e inventaram outra historieta imaginativa parecida com a historieta ilusória da criação de Adão e Eva. Nós cremos e afirmamos que o criador do universo e todas as espécies da vida não deu o segredo da existência para ninguém, e afirmamos também nenhuma pessoa conseguiu descobrir os segredos do Universo, da existência e da vida até nosso tempo. O sociólogo Sírio, Antoun Saadeh, disse claramente no seu livro a respeito do surgimento do homem o segue: **“há teorias divergentes quanto à evolução do ser humano, ou seja, se começou ela a partir do estado símio, o qual estava a um passo**

em direção ao seu desenvolvimento progressivo ou se o símio era um produto inferior surgido durante a evolução que resultou a humanidade. Porém, no que concerne a essas teorias, não há dúvida de que o homem, a partir do ponto de vista estatística, se insere em uma categoria de animais gregários, ou aquelas espécies de animais cujos membros vivem em grupos” (*Gênese das Nações*, p. 89). Aqui, deve-se notar e destacar a frase **“estado de símio”**, se for algum grau de progresso ou um caso de degeneração porque o significado da frase é um estado situado entre duas fases que são: **decadência e desenvolvimento progressivo**, e isso não significa que o homem se destina a tornar macaco quando se degenere, ou o macaco poderá se

transformar em homem quando se desenvolve. O homem e o macaco são duas espécies diferentes da vida, mas correlacionadas entre si, tais como plantas, animais e insetos. Saadeh alertou para isso dizendo: **“Se o homem se insere estaticamente em uma categoria de animais gregários, isto não significa dizer, de modo algum, que exista entre ele, os animais e os insetos uma relação ou parentesco social que permita a formação de um critério ou regra geral a eles aplicáveis, como alguns escritores de sociologia e outros haviam pensado e continuam pensando”** (*Gênese das Nações*, p. 91). Foi para isto que o professor acadêmico de pós-graduação da Universidade Federal do Paraná, Dr. Luis Fernando Lopes Pereira, chamou a atenção

ao escrever sobre o livro *Gênese das Nações* em sua análise o seguinte: **“Aqui Saadeh busca uma diferenciação que marca sua obra, entre o mundo dos animais e o mundo humano. Na relação com o meio físico, tal diferença seria nas palavras dele marcante, afinal os animais tenderiam a satisfazer suas necessidades de forma direta e os homens indiretamente,usando ferramentas estas cada vez mais sofisticadas”**.

Chegamos, através do estudo de *Gênese das Nações*, à conclusão que Saadeh rejeitou a interpretação de criação independente, direta e simples dos clérigos que foi baseada num romance imaginativo de um lado e criticou a interpretação dos cientistas aceitando o processo de criação por evolução e não aceitando o termo de

surgimento humano como descendente do tipo de macacos de outro lado. Saadeh afirma que não existe uma relação de parentesco entre homem, animais e insetos, mas parece que todos os tipos de homem, plantas, animais, insetos, macacos... são inter-relacionados uns com os outros por serem aspectos ou manifestações de vida, uma vez que a vida é a origem de todos os organismos vivos. Assim, podemos **concluir que a espécie humana veio a existir por processo de evolução como todas as outras espécies e não como individuo independente como foi contado pela historia religiosa nem como descendente dos macacos como foi imaginado por muitos cientistas**. Os diferentes tipos de organismos viventes ou as diferentes espécies vivas tem uma

origem que se reside na própria vida surgida no planeta Terra, é isso que foi observado pelo filósofo Gibran Khalil Gibran quando ele disse: **“Vossos filhos não são vossos filhos. Eles são os filhos e filhas da vida que é apaixonada por si mesma”**.

Com relação à independência do ser humano, nós achamos que como existe um tipo de independência individual limitada, existe também a vida associada aos outros a fim de trabalhar todos os indivíduos juntos, como potencias ou eficácias ou energias em acordo e harmonia para uma finalidade publica comum. Assim, também podemos explicar que cada espécie natural além de ter sua própria independência, ela tem sua vida associada a outras espécies, plantas, animais, insetos, peixes, macacos, aves,

etc..., afim de conviver todas essas espécies juntas em perfeita convivência para uma finalidade comum que ela é ainda desconhecida**.** Apesar de todas estas espécies serem manifestações da vida, Saadeh não se esqueceu de esclarecer as diferenças básicas biológicas, sociais e intelectuais entre o mundo humano e o mundo animal como podemos encontrar nos textos que seguem: **“Se o homem esta de acordo com todos os animais e organismos vivos devido ao princípio da preservação das espécies e do cuidado dos filhotes, as circunstâncias ou a aplicação deste princípio pelo homem difere daquelas aplicadas pelos animais...”** (*Gênese das Nações*, p. 93).

“Deixando de lado o aspecto biológico e prosseguindo somente no que toca as

diferenças sociais, encontramos na sociedade humana duas manifestações que não se encontram em outros agrupamentos: a primeira manifestação é a aptidão do indivíduo em ver surgir e desenvolver a sua própria personalidade; a segunda, é a capacidade da comunidade em adquirir sua própria personalidade, a partir de suas qualificações particulares e das características de seu meio ambiente. estas duas manifestações básicas que distinguem fortemente a sociedade humana por suas características não existem no mundo dos insetos e dos animais inferiores, nem no dos animais superiores do mundo” (*Gênese das Nações*, p. 98). **No entanto, há diferença básica primaria, a qual adota ações**

humanas e sociabilidade humana com a qualidade independente invalidando toda comparação social entre o homem e o animal, cuja diferença reside no aspecto do pensamento que é muito importante para a vida e a sociedade humana” (*Gênese das Nações*, p. 99); **“O fato é que não há justificação para atribuir manifestações no mundo animalesco como algo equivalente às manifestações no mundo humano, encontrando uma conexão entre os dois mundos através de varias semelhanças gerais aparentes, e tomando aquilo como uma base para explicá-los ou discuti-los em respeito ao homem, como se discutisse alguma coisa biologicamente evidente. A aplicação dos exemplos sociais do animal para o homem deveria ser revertido** (*Gênese das*

Nações, p. 101) **adequadamente, isto é, dizer do homem para o animal. Decerto, há muitas manifestações no mundo social dos animais que, de alguma forma, lembram manifestações na vida social humana, quão satisfeitos e convencidos estamos quando afirmamos: "Isso é observado nos animais também?"**; **"Qual é o valor do nosso contexto social, nossa cultura etc., se a nossa vida social não é nada além de uma aplicação dos exemplos tirados do mundo animal?"** (*Gênese das Nações*, p. 102). Tornou-se claro, então, que o ser humano veio a existir por evolução como uma espécie e desenvolveu como qualquer outra espécie e não surgiu como individuo independente com foi citado pelo conto religioso, nem também existiu como criação descendente

da espécie dos macacos conforme imaginado por muitos cientistas. Os diferentes tipos de organismos viventes ou as diferentes espécies vivas tem uma só origem que se reside na própria vida surgida no planeta Terra, é isso que foi observado pelo filósofo Gibran Khalil Gibran quando ele disse: **“Vossos filhos não são vossos filhos. Eles são os filhos e filhas da vida que é apaixonada por si mesma”**.

Ao estudar e analisar o livro *Gênese das Naçõe*s, de Saadeh, concluímos que ele criticou e rejeitou a interpretação religiosa feita pelos clérigos e baseada numa narração imaginativa romântica que afirma que o homem foi criado diretamente de uma maneira simples e independente ou isolado de qualquer outra espécie. Ele também

criticou a interpretação científica feita pelos cientistas aceitando a abordagem científica em termos de surgimento da espécie humana por processo da evolução e não está concordando ou aprovando que o homem é como descendente da espécie de macacos, pois ele acha que não há relação de parentesco entre os homens e os macacos apesar de certas semelhanças encontradas entre os dois tipos como citamos acima. Afirmamos de novo que não há relação de parentesco entre homens, animais e insetos, e tudo que podemos confirmar que todas as espécies vivas: homens, plantas, animais, insetos, macacos, peixes e aves... são interligados uns com os outros por serem manifestações ou aspectos da vida, e que a vida é a origem de todos os organismos vivos.

Assim, podemos concluir que o ser humano, ou o tipo humano, surgiu por processo de evolução como **espécie e não como indivíduo independente conforme a narração da história religiosa nem também por descendência da espécie de macacos como foi imaginado por muitos cientistas**. Tal surgimento foi ocorrido da mesma maneira como foram originadas todas as outras espécies.

As diferentes espécies são, na realidade, resultado de vários processos evolutivos que surgiram na Terra. Portanto, se queremos saber de onde veio a existir a vida, temos de saber como surgiu a vida. Por conseguinte, se queremos descobrir de onde surgiu a vida, devemos, ao mesmo tempo, procurar descobrir de onde e como se formou a Terra.

Consequentemente, se desejamos descobrir como se formou o planeta Terra, nós temos uma tarefa maior, isto é, temos de conhecer de onde e como surgiu o processo do sistema solar. Para chegar a descobrir o sistema solar, devemos, também, descobrir os sistemas maiores e ainda os sistemas maiores até descobrir a causa principal infinitamente longe que originou o Universo infinito, isto é, o criador auto-existente, onipotente, onisciente, que em seu poder abrange tudo e cuja grandeza nunca poderá ser alcançada por alguém por mais que seja forte o talento de tal alguém, porque o Deus criador, o senhor dos mundos, é a sublimidade maior e infinita que jamais poderá ser tocada por ser finito. Essa é a verdadeira sublimidade, que cada vez nos imaginamos que tornamos

próximos para alcançá-la, descobrimos, de repente, que tudo que conseguimos não é mais do que uma gota de água num oceano, e ficamos mais surpresos com segredos ocultos que nunca foram imaginados. Mas tudo isso não significa que tenhamos que ficar desesperados e paralisados diante dos segredos misteriosos da vida, da existência e do Universo porque a sublimidade criadora mesma programou-nos e deu-nos o potencial da mente que é um raio, surgido daquela sublimidade criadora, e o referido raio está em funcionamento permanente através do desenvolvimento das gerações uma após outra no tempo e no espaço.

O resultado que podemos alcançar sobre o surgimento do homem após a leitura e analise do *Gênese das Naçõe*s, da autoria do sociólogo Sírio Antoun Saadeh, é que o

homem não surgiu como indivíduo independente por processo de criação direto e simples como foi contado pelos clérigos, nem surgiu também por processo de evolução como descendente de macacos como foi imaginado por vários cientistas, mas o homem surgiu por processo de evolução como uma espécie viva originada da vida e semelhante a todos os aspectos desenvolvidos da vida. O referido resultado científico afirmado por Saadeh como sociólogo está completamente de acordo com a visão filosófica de Saadeh como filósofo que afirma que nenhuma coisa poderá surgir de nada e que disse também no seu livro *A Luta Intelectual na Literatura Síria* o seguinte: **“Mas, nós imaginamos, de acordo com o princípio filosófico do desenvolvimento,**

regularidade e continuidade da vida, o que coloco na minha mente para compreender a realidade da existência humana, que deve haver uma relação ou contato mais próximo e firme com a nossa nova visão referente aos fatos, questões e temas de tal visão. Como se vê, também sob esse ponto de vista, que o mundo da visão mencionada não é algo surgido por acaso sem origem, mas ele é um algo impossivelmente surgir sem origem substancialmente essencial relacionada aos fatos novos. Assim, podemos concluir que os novos fatos foram emancipados dos fatos originais antigos através de uma nova compreensão da vida e suas causas, do universo e suas possibilidades e da arte e suas metas”. Após disso, descobrimos que

Saadeh, além de ser um grande sociólogo, é também um grande filósofo, mas a visão filosófica de Saadeh tem a ciência como base, e a ciência começa a partir do entendimento da realidade e dos fatos espírito-materiais ou matéria-espirituais (MADRAHIAH*****) que são a origem da evolução, desenvolvimento e progresso da humanidade.

***Observação**: a palavra **“MADRAHIAH”** é um termo filosófico árabe inventado por Antoun Saadeh que significa a unicidade da vida dos dois tipos de aspectos vitais (materiais e espirituais) que formam um equilíbro harmonioso humano começando a partir do surgimento da espécie humana e acompanhá-la em todos os estágios de

desenvolvimento e avanço, e confirmando que não há manifestações humanas espirituais sem serem materiais, como não há manifestações humanas materiais sem serem espirituais, mas as manifestações humanas materiais são, ao mesmo tempo, espirituais que são, também, ao mesmo tempo materiais. Podemos constatar que Antoun Saadeh, além de ser sociólogo, é um filósofo, sendo a sua filosofia baseada na ciência que estuda a realidade da existência humana a partir do surgimento da espécie do homem acompanhando tal realidade em todas as fases do desenvolvimento, visando criar uma boa nova vida nacionalista-social não somente para a nação Síria de Saadeh, mas para todas as nações em geral a fim de viverem, desenvolverem, avançaram e progredirem

em harmonia perfeita, solidariedade firme e paz total. Assim nasce o senso humano nas nações, surge nelas a consciência mundial e forma-se a mente global que pode enfrentar os fatos do nosso universo, descobrir o Máximo possível de suas leis e seus segredos, e realizar para toda humanidade os mais belos e altos ideais.

* *Prof. Youssef Mousmar*

Autor e tradutor público juramentado.

Conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico do Paraná – Curitiba, Brasil, 27/11/2012.

“Se alguém solicitasse à ciência que descrevesse a evolução de cada criatura viva exatamente como ocorreu, ele não obteria respostas satisfatórias. No entanto, a interpretação científica possibilita de evidências, constituindo-se em provas razoáveis de como fomos formados e como viemos a existir, cabendo ao indivíduo, estudioso dessas evidências, determinar se é suficiente para convencê-lo ou não” (*Gênese das Nações*, p. 40**).**

Antoun Saadeh

O que levou Antoun Saadeh a fundar o PNSS

Professor Fabio Bacila Sahd*

Já nos primeiros escritos de Saadeh, entre 1921 e 1925, enquanto concebia a ideia de formar um partido, fica evidente a preocupação de Saadeh com o estado presente e futuro daquela que considera a sua nação. Nas publicações da *al-Majallah* e *al-Jaridah* sobressai sua inquietação com a miséria de seu povo, causada pela Primeira Guerra Mundial, e a busca por uma saída que pudesse salvá-lo daquilo que o pensador considerava ser uma decadência crônica. Já nesses tempos Saadeh afirmava que o "ressurgimento da nação" começaria com a fundação de um partido que salvaria o país e o povo do sectarismo e da fragmentação. Tais elementos, em sua ótica,

* Professor universitário.

submetiam a nação a uma “implacável e inquebrantável corrente de catástrofes”, começando pela opressão otomana e terminando com a sujeição ao colonialismo franco-britânico e a realização do projeto sionista na Palestina.

Na biografia oficial de Saadeh, publicada pelo escritório de informação do Partido, consta que um dos principais fatores que o motivaram a estabelecer o PNSS foi sua preocupação e oposição ao projeto sionista. O pensador via tal movimento como uma ameaça integral ao destino da nação síria, à medida que, gradualmente, estava inserindo um corpo estranho em terras da Grande Síria. Para contrabalancear tal ideologia, Saadeh asseverava que havia a necessidade de fundar um movimento sistematicamente organizado em todo o território, afinal o problema não estava restrito à Palestina – que fora destacada da nação maior pelas potências colonialistas. Aos olhos de Saadeh, tal movimento revolucionário, para

conseguir frustrar o projeto sionista e fazer renascer a nação síria, teria que necessariamente combater as causas da fragmentação política e da contradição interna, que impediam uma ação unificada. Destarte, fora buscando integrar a Síria geográfica (Grande Síria) e sua comunidade nacional que o pensador formulou o Partido Nacionalista Social Sírio. Durante sua primeira estada na prisão, em junho de 1935, Saadeh escreveu uma carta a pedido de seu advogado explicando o que o motivou a fundar o Partido. Nela enfatiza que, em face das catástrofes da Primeira Guerra Mundial, quando ainda era uma criança, a principal questão que se colocava era “o que foi isso que trouxe todo este sofrimento ao meu povo?”. Segundo ele próprio, logo após o final da guerra, começou a procurar uma resposta para tal questão e uma solução para o problema político que parecia guiar sua nação de uma

adversidade para outra e de um mal menor a um maior.

Aos olhos do *za'im*, a culminância das atribulações dos sírios era a manutenção de um rancor sectário generalizado responsável por dividir a comunidade nacional em facções, tanto na terra natal quanto na "diáspora". Dentre os sectarismos, o pensador destaca o "patriotismo libanês", interpretado como uma expressão da autoridade e influência das instituições religiosas na sociedade.

Saadeh afirma que não estava interessado em descobrir as causas da decadência de seu povo meramente por interesse intelectual. Visava, antes de tudo, compreender a situação para tentar revertê-la por meio da ação. Para ele, a primeira causa da angústia passada e presente de sua nação era a perda da soberania. Tal fator levou-o a pesquisar sobre o nacionalismo, a questão das comunidades em geral, as

raças, entre outras coisas. Ainda na carta de 1935,
Saadeh afirma que, conforme prosseguiu com seus estudos se tornou cada vez mais convicto da importância da ideia de nação, de seu significado e da complexidade de fatores que dela emana. É isso que, a seu ver, o diferenciava dos demais autores, movimentos e partidos: enquanto estes se preocupavam em demasia com os problemas políticos sem compreendê-los em sua essência, agindo a partir de um pragmatismo político, ele buscava estabelecer uma concepção clara da situação para solucioná-la, fundamentando-se em uma base nacional e científica. Citando-o, assim sendo, e tendo em vista o fato de que um amplo esforço nacional comprometido em lidar com a questão da soberania nacional e entender o sentido da nação não pode ser esvaziado de seu conteúdo político, eu decidi entrar no campo político seguindo o caminho de uma

nova ressurreição nacionalista social que garantiria a purificação e unificação das crenças nacionalistas existentes em uma única ideologia e que deveria, por sua vez, fomentar o tipo de solidariedade (*esprit de corps*) que é essencial para a cooperação nacional,progresso e proteção dos interesses edireitos nacionais. Em outras palavras, Saadeh buscava fundamentar sua ação política naquilo que, segundo ele, era uma percepção científica da natureza de sua nação.

Dessa forma, ao contrário das lideranças tradicionais, supostamente incapazes de compreender a nacionalidade real dos sírios e focadas antes em manter seus privilégios do que em "reviver a nação" (portanto fomentadoras do sectarismo), defendia que seu programa buscava realizar os interesses políticos e sociais da coletividade, da qual era o legítimo representante. Conforme o *za'im*, a "purificação" e a unificação das crenças nacionalistas antagônicas seria

operada uma vez que fosse estabelecida a percepção científica da nação síria. Esta iria invalidar as demais perspectivas, calcadas em interesses particulares e não naquilo que defendia ser o interesse natural e real da nação. Por conseguinte, a fundação do Partido Nacionalista Social Sírio servia justamente como um meio para proteger e concretizar o "novo renascimento nacionalista social", embasado em uma percepção pretensamente científica daquilo que seria a nação síria. Ao defender a cientificidade de seu programa, Saadeh apontava para o PNSS como a única via válida de ação para acabar com o infortúnio de seu povo.

Em sua perspectiva, enquanto os demais partidos e políticos não conseguiam captar os interesses nacionais puros, pois estavam comprometidos com "lealdades tribal-sectárias" e percepções distorcidas, o PNSS seria o caminho, por agir com base em uma compreensão científica da nação e de seus

interesses e focar somente a coletividade. Assim, o Partido e seu líder eram a encarnação do próprio povo sírio.

Citando um trecho de sua carta há pouco referida, **“eu percebi que teria que conceber meios que protegessem o novo renascimento nacionalista social. Foi isso que primeiramente me sugeriu a ideia de formar um partido político secreto, que iria inicialmente incorporar essas forças de nossa juventude, que permanecem ausentes por sua integridade e falta de afeição pela corrupção das políticas degradantes. Então eu fundei o Partido Nacionalista Social Sírio e unifiquei as várias crenças nacionalistas em uma ideia, ‘a Síria é para os sírios e os sírios são uma nação’. Eu também estabeleci uma série de princípios a serem reformados: separar religião e Estado, transformar a produção em uma estrutura de distribuição de riqueza e trabalho e estabelecer um exército forte**

que possa ter um efetivo papel em determinar o destino da nação e da terra natal. Ademais, eu adotei uma formação clandestina para o Partido para protegê-lo da ofensiva das várias facções da sociedade que temiam sua criação e seu crescimento e das autoridades que não desejavam a sua existência. Então eu organizei o Partido com uma hierarquia central e com base na seleção de membros, dando primazia à qualidade de cada um para evitar confusões internas e todas as formas de faccionalismos, competições destrutivas e outros problemas sociais e políticos, assim como para fomentar as virtudes da disciplina e do dever".

Esse desejo de assegurar o "ressurgimento nacional sírio" já fica claro em seus primeiros escritos e na fundação do PNSS, em novembro de 1932, quando Saadeh proclamou seus princípios. O "renascimento nacional" é colocado como o

eixo programático do Partido, que busca assegurar a existência da nação síria e consolidar a sua unidade em um único Estado, com os meios que promovam seu progresso e sua preparação com a força de uma sólida unidade e de uma colaboração nacional.

Comentando o princípio fundamental quinto do PNSS, Saadeh afirma que "o ressurgimento nacional sírio marca o retorno das forças ativas e da vitalidade da nação síria, a fim de recobrar seu poderio, prosperidade e tudo que perdeu de seu âmbito territorial natural".

Os objetivos do Movimento Nacionalista Social eram, aos olhos do *za'im*, de longo alcance e abrangência. Não estavam limitados a determinados aspectos da política nacional, como, por exemplo, o simples fim da sujeição colonial, mas abrangiam "todos os fundamentos da nacionalidade em todos os aspectos da vida nacional", orientando a nação síria para "o

progresso e o êxito". Nas palavras do *za'im*, o movimento buscava mobilizar "os elementos vitais e poderosos que contém a nação, para destruir costumes e tradições perniciosos", como o sectarismo, "e liberá-la dos mitos que a mantém decaída e estagnada, presa a doutrinas desgastadas e inoperantes", como o parlamentarismo que beneficiava as elites libanesas em detrimento da totalidade da nação.

Em suma, a partir da afirmação dos princípios do PNSS, percebe-se que se trata da criação de um "homem novo sírio" – traço comum nas ideologias políticas que contém em si elementos de uma estrutura de pensamento mítico, como o comunismo e os fascismos. Quanto à relação direta entre a fundação do Partido e a sujeição dos povos sírios aos mandatos anglo-franceses, Saadeh nega a sua exclusividade. Em sua ótica, tratava-se de apenas mais um período na "implacável e inquebrantável corrente de catástrofes" do povo sírio que guia sua

nação “de uma adversidade para outra e de um mal menor a um maior”. Portanto, suprimir tal sistema não era tanto o objetivo partidário, mas a conseqüência óbvia do “renascimento nacional”, que encerraria o ciclo flagelante ao qual estaria preso o povo sírio.

Independentemente se causa ou conseqüência da fundação do Partido, a oposição ao mandato era inevitável e fundamental em seu programa, Saadeh se refere ao nacionalismo social como Partido (PNSS) e como movimento. Nesse sentido, podemos considerar as obras de RAOUL GIRARDET, *Mitos e Mitologias Políticas* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987); MIRCEA ELIADE, *Mito e Realidade* (São Paulo: Editora Perspectiva, 1972) e JORGE FERREIRA, *Prisioneiros do Mito: Cultura e Imaginário Político dos Comunistas no Brasil*, 1930-1956 (Rio de Janeiro: Eduff/Mauad, 2002). Citando o trecho final de carta de Saadeh, de 1935, eu deixei tudo

isto e estive à frente na fundação do Partido em total desrespeito à existência ou não de um mandato.

Assim, o Partido não foi fundado exclusivamente como um contrapeso ao mandato (governo), mas para unificar a nação síria em um Estado soberano que tenha a vontade de determinar seu próprio destino. Uma vez que o mandato é uma fase passageira, calcular a posição e a atitude do Partido perante ele é uma consideração política secundária. O Partido não foi fundado sob o princípio do ódio estrangeiro ou chauvinismo, mas no principio do nacionalismo social. O mandato pode ter temporariamente incrementado a popularidade do Partido e fortalecido os motivos para criá-lo, mas isto continua um problema subordinado com importância limitada. De qualquer forma, a questão nacional, pela sua própria natureza, teria inevitavelmente que aderir ao conflito entre

a sobrevivência da soberania nacional e a regra imposta.

Ainda que os motivos nacionais alegados por Saadeh transcendam um mero anseio pela tomada do Estado, devemos considerar a pertinência da análise de Elizabeth Thompson. Ela situa o PNSS entre os movimentos que surgiram nas margens dos grupos detentores do poder, visando uma revolução política e social que substituísse essas camadas tradicionais. Para corroborar tal perspectiva, podemos mencionar dois discursos proferidos por Saadeh, respectivamente em 1935 e 1937, nos quais fica claro o papel que ele atribui ao PNSS como força da renovação contra as velhas elites. No primeiro, afirma que, na luta entre os fatores do “retrogradismo” e os fatores da renovação, acreditamos profundamente na vitória das forças novas, das forças renovadoras, das forças que estão sempre dispostas a vencer todas as dificuldades que podem surgir no seu

caminho, desejosas de sair de uma vida estagnada, sem ordem nem força, para uma nova boa vida.

No segundo discurso, datado de março de 1937, declara que, se o Líbano tem uma entidade, então esta é a entidade do povo libanês como um todo, a não ser que a classe governante do Líbano enxergue a si mesma como o Líbano e o povo como nada mais do que a comunidade governada, então nós temos a honra de declarar que um dos mais importantes objetivos do PNSS é eliminar esta imagem deturpada de nossa vida nacional – a imagem do governante e do governado – e colocar um fim aos privilégios civis no Estado.

Ainda que o desejo de tomar o poder e substituir as elites sectárias tradicionais seja inegável e fique explícito nos próprios discursos do *za'im*, reduzir o programa do PNSS a isso acaba por desconsiderar seus objetivos mais amplos e a voz do sujeito em

sua própria definição. Se por um lado é notório que se trata de uma disputa no jogo de poder, deve-se considerar por outro que, aos olhos do *za'im*, a conquista do mesmo é apena o meio e não o fim em si. A oposição do Partido à velha elite é percebida como inevitável para a realização do desejo maior de extirpar o sectarismo e revigorar a "nação síria", modernizando-a, tornando-a soberana e garantindo-lhe um "lugar ao sol".

O desafio colocado pelo PNSS ao *establishment* de então era mais complexo do que um simples desejo de conquista do poder e troca da elite governante. Aos olhos do *za'im*, a destituição do velho corpo era imprescindível para a criação de um Estado nacional moderno, capaz de assegurar sua soberania e se desenvolver no ritmo das nações industrializadas da Europa.

A concentração do poder nas mãos das elites tradicionais, fundamentadas na lealdade dos grupos étno-confessionais e

desejosas de manter seus privilégios, obstruía a coesão e o fortalecimento nacional. Em contrapartida, o PNSS se afirmava como o representante de todo o povo e o defensor de sua unidade, e aquele que tornaria o Estado-nação o depositário maior de todas as lealdades, acima dos laços confessionais.

Em suma, como veremos mais detalhadamente ao longo do capítulo, esta oposição ao poder estabelecido se fundamentava como uma tentativa modernizadora em face de uma estrutura sócio-política tradicional e como uma disputa pela definição da "verdadeira" identidade nacional, elemento recorrente na obra de Saadeh. Em linhas gerais, o objetivo partidário era unir os sírios e garantir sua soberania com base na criação de um Estado que estivesse acima de todas as lealdades sectárias. Citando um trecho de Saadeh, datado de 1935, "essa força organizada modificará a face da História no

Oriente Próximo. Os nossos antepassados assistiram às invasões e sobre eles marcham os invasores. Nós, porém, daremos um fim a essas agressões".

Labib Zuwiyya Yamak remonta a origem do Partido ao período em que Saadeh retornou ao Líbano, no final dos anos 1920, intentando mobilizar seus conterrâneos. Nesse primeiro momento, ele se dedicou a obter um conhecimento maior das condições políticas e sociais de sua terra, a publicar artigos e a conversar com grupos de universitários. Concomitantemente, foi se aproximando cada vez mais de setores de jovens educados em Beirute e Damasco, contudo ainda não reunindo essas pessoas em seu entorno de uma maneira fixa. Conforme Yamak, em 1931, Saadeh teria começado a pensar seriamente em fundar um partido, que diferiria das demais formações políticas locais tanto em sua doutrina quanto organização. Como era professor da Universidade Americana de

Beirute, sua proximidade dos estudantes provavelmente fez desses os primeiros quadros. Em um primeiro momento, dado que a opção do *za'im* era manter o Partido como uma organização secreta até o momento em que este se tornasse forte o suficiente para sobreviver ao impacto da exposição pública (sobretudo resistir à oposição da mandatária e de grupos políticos locais), ele agiu cautelosa e seletivamente na escolha dos primeiros aderentes.

Após meses de contatos sigilosos, seis estudantes se engajaram na causa da Grande Síria (dois da Jordânia e quatro do Líbano). Após estes, mais três ingressaram no grupo. Contudo, desconfiando da lealdade de alguns membros, Saadeh convocou uma reunião geral e anunciou que havia desistido do Partido. Pouco depois, no dia 16 de novembro de 1932, encontrou-se secretamente com aqueles que julgou serem confiáveis e reorganizou o grupo sob o

nome de *al-Hizb al-Suri al-Qawmi* (Partido Nacional Sírio), posteriormente renomeado como Partido Nacionalista Social Sírio.

Um capítulo da tese do professor Fabio Bacila Sahd intitulada: “Antoun Saadeh e o Partido Nacionalista-Social Sírio”.

Antoun Saadeh é um sociólogo do mais alto gabarito

Dr.ª Ália Haddad*

Há muitos anos atrás, o Tradutor desta obra (*Gênese das Naçõe*s) sugeriu-me que, em conjunto, fizéssemos desta tão importante obra. Acedi mas, devido a circunstâncias de sua vida profissional, ele deixou a cidade, indo trabalhar no exterior. Agora, anos depois, dominando com maestria o idioma português, embrenhou-se sozinho no trabalho de tornar conhecida a obra magistral de Antoun Saadeh, permitindo que brasileiros tenham contato com seu pensamento e seu imenso acervo cultural. Particularmente, desde a minha tenra infância, Antoun Saadeh esteve presente.

---

* Advogada.

Meu pai, meu tio, tiveram a oportunidade de privar de sua companhia e, embora sequer fosse nascida, as lembranças que os dois traziam daquela figura ímpar e de sua orientação de vida, eram reiteradas nas conversas com familiares e amigos.

Assim, o fato de ser um sociólogo do mais alto gabarito, um historiador fiel e detalhista, dono de cultura invejável, fizeram com que, desde então, eu o admirasse, não só pelos atributos citados, mas pela coragem e determinação, principalmente em uma época em que lhe era perigoso externar seus pensamentos e, principalmente, que abrisse olhos e corações de compatriotas sofridos com o jugo estrangeiro.

Fico a cismar: todos os que pretendem elevar a condição do ser humano, de forma sincera, sem interesses escusos, acabam por sofrer retaliações as mais diversas. Ou é o desprezo da massa por suas ideias que visam mostrar uma realidade aos que tem os olhos vendados pela ignorância, ou a sanção pública ou política, ou pior, o sacrifício de suas vidas.

Antoun Saadeh, que visava esclarecer seus compatriotas e, porque não dizer, à sociedade em geral, foi vítima da incompreensão e dos interesses políticos da época. As potências subjugadoras não poderiam permitir que as mentes se abrissem para o verdadeiro sentido de povo, comunidade e, especialmente, de Nação, soberana, dona de seu destino, participativa

na melhoria das condições humanas, sem grilhões ou jugos.

Em consequência, só restou um caminho aos que o temiam: decretar sua morte. Pretenderam evitar que suas ideias e seus ensinamentos rompessem as trevas mentais impostas pelos dominadores, que o sol do conhecimento iluminasse o espírito sofrido dos dominados.

E, mais uma vez, na história deste planeta, sacrificaram alguém que só ansiava ver seus irmãos garantindo o direito à justiça, liberdade e conhecimento. E, mais uma vez, na história deste planeta, surgia um Mártir. Esqueceram-se de que os mártires ficam permanentemente na memória das pessoas e dos povos. Que seu martírio faz com que suas razões e pensamentos sejam

reavivados e, agora sim, compreendidos e seguidos. E, embora desta forma lamentável, o objetivo a que se propunha em vida, acaba se concretizando post mortem.

O nome de Antoun Saadeh repercute na sua Nação. É tempo, agora, de que repercuta entre outras nações, contribuindo com sua sabedoria, com sua verdade! Isto é o que pretende o tradutor, Youssef Mousmar: levar aos leitores da língua portuguesa, uma parte da Alma e do Espírito indomável e humano do Sociólogo, do Historiador e, porque não dizer, do Líder Antoun Saadeh, o mártir dos interesses politicamente egoístas da ocasião, não diferentes do que continua ocorrendo no mundo da atualidade.

Sei que será vitorioso em sua missão, o Tradutor. Mais que tudo, acrescentará mais um tijolo na construção de um mundo melhor, divulgando as sábias orientações do Mártir Antoun Saadeh.

* *Dr.ª Ália Haddad*: Advogada

179

Antoun Saadeh calcografou seus idéias no pavilhão da história universal

Elias Mattar Assad*

“Na primeira noite eles se aproximam e roubam uma flor do nosso jardim. E não dizemos nada. Na segunda noite, já não se escondem; pisam as flores, matam nosso cão, e não dizemos nada. Até que um dia, o mais frágil deles entra sozinho em nossa casa, rouba-nos a luz e, conhecendo nosso medo, arranca-nos a voz da garganta. E já não podemos dizer nada (...). Vamos ao campo e não os vemos ao nosso lado no plantio. Mas ao tempo da colheita lá estão e acabam por nos roubar até o último grão de trigo. Dizem-nos que de nós emana o poder, mas sempre o temos contra nós. Dizem-nos que é preciso defender nossos lares, mas se nos rebelamos contra a opressão é sobre nós

---

* Ex-presidente da Associação Brasileira dos Advogados Criminalistas.

que marcham os soldados (EDUARDO ALVES DA COSTA, *No Caminho com Maiakóvski – Poemas*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1987).

O sociólogo Antoun Saadeh dedicou não somente este livro de sua autoria, *Gênese das Naçõe*s, como sua vida ao "Movimento de Renascimento Nacional", em prol da Grande Síria e rompimento com a divisão imposta pelos estrangeiros.

Nascido na região de Monte Líbano, filho do médico Khalil Saadeh, herdou do pai a virtude de lutar sem temor pelas suas convicções. Vitimado por covarde fuzilamento! Morto por suas virtudes... De sua vida e obra emerge vítrea uma verdade universal: "Enganam-se os ditadores, nos seus delírios medonhos, quando matam sonhadores, supondo matar os sonhos" (rima latina de domínio público). Assim, partiu o homem imortalizando sua obra.

Não vislumbrava barreiras físicas, religiosas ou políticas, para que situações pré-existentes aos influxos dos poderosos invasores pudessem ser restauradas. O mais genuíno advogado de sua pátria a manejar uma espécie de “ação de reintegração de posse”, contra os invasores, no palácio da justiça da humanidade. Recorreu ao seu povo e aos povos por onde passou. Enunciou heroicamente *in articulo mortis*: “...completei minha missão e estou assinando a execução de minha mensagem com meu sangue. Por favor, me deixem ver como as balas sairão das armas de meus compatriotas e entrarão no meu peito. Muito obrigado...”.

Com maestria questionou tudo! Censurou as rédeas da ignorância, surdez e cegueira impostas por facções religiosas na vã tentativa de bloqueio às descobertas científicas. Previu com nitidez o avanço da lógica racional sobre as “*lógicas místicas e*

coletivas” no dizer de Gustavo Le Bon. Mergulhou no campo do direito em abordagens geniais que modestamente denominou “esboço dos direitos civis”. Adentrou no campo do direito público e poderes do estado, nos moldes de Montesquieu, sendo até mais minudente que este em certos aspectos.

Calcografou seu nome e seus ideais no pavilhão da história universal. Sê bendito Antoun Saadeh, homens e mulheres que, a exemplo de Youssef H. Mousmar, tornaram possível o acesso e a difusão desta obra entre as nações lusófonas rumo ao ideal da inviolabilidade cultural, não intervenção e autodeterminação dos povos.

Aqueles tiros que vitimaram Antoun Saadeh feriram toda a humanidade, órfã de outros escritos que brotaram de suas mãos e foram confiscados pelos franceses e dos que certamente escreveria. Não aceitou a paz

indigna que os invasores ofertaram aos seus compatriotas. Sabia – mais que ninguém de seu lugar e de seu tempo – que paz sem dignidade é rendição!

* *Elias Mattar Assad*
Ex-presidente da Associação Brasileira dos Advogados Criminalistas
Curitiba, 21 de fevereiro de 2011.

184

"... A mente humana não foi feita em vão. Não há mente humana para ser amarrada e paralisada. A mente do homem existiu para conhecer, perceber, refletir, distinguir, definir alvos, agir e reagir neste mundo... a mente do homem é a constituição superior mesma. Ela é a lei essencial e fundamental. Ela é o dom maior que o homem possuiu. A mente é o talento de distinção que foi dado ao homem para distinguir as coisas na vida. Se foram impostas regras para impedir o talento da distinção humana, acabar com as forcas da percepção e compreensão e anular o potencial da mente, o resultado é, sem dúvida nenhuma, o desaparecimento da característica essencial do homem o que significa que ele não seja mais homem, mas ele será degenerado obviamente e evidentemente ao ponto das bestas que vivem sem mente e sem conscientização...".

Antoun Saadeh

185

A *Gênese das Nações* de Antoun Saadeh é uma obra de caráter extraordinário

Dr. Jamil Ibrahim Iskandar*

O livro *Gênese das Nações*, de Antoun Saadeh, é uma obra de caráter extraordinário pela abrangência e profundidade dos temas abordados. Inicia com o surgimento da espécie humana e culmina com uma acurada exposição sobre a formação do Estado e seu respectivo desenvolvimento e, ainda, com o conceito

* Professor de História da Filosofia Medieval Árabe na Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos.

nação; talvez o mais importante da obra. Pode-se dizer que o livro de Saadeh percorre o caminho da história, da antropologia, da sociologia, da política, entre outros. Nesta exposição ele dialoga tanto com religiosos como os que não o são; com cientistas, com acadêmicos e com o ser humano comum. Esta é a beleza desta obra.

Ao iniciar com o surgimento da espécie humana e terminar com o conceito de nação, segundo seu entendimento de nação, Saadeh apresenta um percurso que une religião, filosofia, sociologia, política,

história, além de outras. Podem se recusar muitas teorias próprias do autor, isto é próprio do mundo acadêmico e amplia o horizonte do conhecimento, mas não se pode negar a genialidade do autor. Gostaria de mencionar o capítulo que, na minha opinião, é o mais significativo do livro, a saber, “O Estado Nacional Democrático”. Este capítulo mostrou que a unilateralidade e a falta de diálogo entre todos os campos do saber debilitam qualquer autoridade, seja ela religiosa ou leiga. Nesta parte do livro, Antoun diz

como surgiu o nacionalismo é o que é propriamente tal conceito.

Acredito que o sentimento nativista, ou, neste caso, nacionalismo, é exatamente como afirma o autor: “...o nacionalismo continuou em direção ao objetivo que justificava a sua existência, isto é, a confirmação do princípio de que a soberania emanava do povo, e que o Estado existia para o povo e não o povo para o Estado. Pode parecer algo simples e óbvio, mas a história mostra que não é. Somente com o sentimento de pertença a um Estado como sendo seu, isto é, o Estado existindo

para o povo, o homem é livre. O nacionalismo é a reivindicação do povo para formar uma nação, é a exaltação do sentimento nacional pela nação. Os déspotas e os governos autoritários têm receio da palavra nacionalismo porque representa um perigo para seus governos. Uma das formas de viver de modo harmonioso numa pátria é a opção pelo nacionalismo. Neste meio, o homem sente-se livre nos múltiplos aspectos sociais; sente que o solo onde vive é seu e, com isto, pode exercer a sua cidadania em todos os âmbitos, sobretudo no âmbito político. A

obra de Saadeh deve ser exaltada em função do conteúdo e da minuciosa explicação dos temas nela contidos.

*_Dr. Jamil Ibrahim Iskandar_

Professor de História da Filosofia Medieval Árabe na Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos.

191

Um livro necessário e imprescindível

José Gil de Almeida*

O tradutor e intelectual Youssef H. Mousmar foi muito feliz em sua decisão de trazer para o público brasileiro o conhecimento de uma das obras mais importantes do pensamento moderno, o livro *Gênese das Nações*, de Antoun Saadeh. Os países ocidentais estão todos contaminados por uma bactéria nociva e destrutiva chamada "modo de vida norte-americano". Essa bactéria contamina todos os segmentos das sociedades, e o que é pior, o pensamento da juventude que se deixa levar pelo sexismo, pelo consumo de drogas e pela alienação pura e simples

---

* Diretor do Jornal *Água Verde*, de Curitiba.

diante dos principais problemas e questões da humanidade, em função do consumismo

desenfreado. Essa bactéria foi inoculada no seio da sociedade norte-americana pelo sionismo, o racismo judaico, e através dos EUA – pelo seu poder econômico e consequente difusão no domínio cultural – chegou à maioria das nações ocidentais, transformando os povos em escravos de um pensamento superficial, ilusório e predatório. Essa anomalia filosófica a que chamam “modernidade” está esgotando os recursos naturais dos países, contaminando e poluindo os rios e os mares, causando guerras de destruição em massa para satisfazer os magnatas da indústria do petróleo ou os banqueiros perdulários. O sistema financeiro internacional, dominado pelo sionismo, é a maior desgraça dos povos e nações: empobrece a classe média,

torna miseráveis os pobres, ilude e corrompe os ricos.

Dentro desse sistema caótico e arbitrário, surge uma luz na forma de um pensamento inovador e humanista, na obra de Antoun Saadeh. Analisando com espírito crítico todas as fases evolutivas do Homem, de forma resumida para facilitar o estudo e a compreensão, vai do surgimento da Espécie Humana, analisa as raças, terra, geografia, sociabilidade, até a formação do estado e seu desenvolvimento.

Essas colocações feitas de forma magistral e objetiva podem – e devem – contribuir de forma significativa para a formação ética e moral da nossa juventude, e para corroborar ensinamentos ou mesmo esclarecer também os adultos.

Esperamos que os professores e intelectuais da nossa sociedade tenham disposição e boa

vontade para conhecer essa obra da maior importância e significado filosófico, que não perde a atualidade, e que possam transmitir às novas e futuras gerações esta herança cultural, política e filosófica, para mudar para melhor o mundo em que vivemos.

* *José Gil de Almeida*
Diretor do *Jornal Água Verde*, de Curitiba

O livro de *Gênese das Nações* merece ser lido com plena atenção

Dr.ª Elisangela Carolino*

Primeiramente, quero parabenizar aos organizadores do livro: *Gênese das Nações*, da autoria do sociólogo Antoun Saadeh e da tradução do Prof. Youssef Mousmar.

Gostaria de fazer algumas considerações sobre a temática Meio Ambiente que o livro aborda.

O homem altera a natureza desde o seu surgimento sobre a Terra. Nas comunidades humanas primitivas a intervenção humana

* Geógrafa, Mestre e Doutora em Agronomia pela Universidade Estadual Paulista – Botucatu-SP-Brasil.
Professora da área Ambiental da Universidade Tuiuti do Paraná-Curitiba-PR-Brasil.

na natureza era bem menor; retiravam da natureza apenas o que era necessário para a sua sobrevivência, como por exemplo: a caça, a pesca, o uso das peles dos animais para se aquecerem nos invernos rigorosos, o uso de plantas para fins medicinais, entre outras. Com o passar dos tempos, a sociedade contemporânea passou a ter uma relação desarmônica com a natureza, aumentando a degradação ambiental. Esta degradação veio marcada pelo mau uso e ocupação do solo, poluição das águas por diversas fontes de contaminantes, geração de resíduos sólidos no ambiente, emissões

de poluentes atmosféricos, problemas habitacionais. Todas essas formas de degradações e intervenção na natureza ocorreram devido ao modo de produção capitalista e alteração do espaço geográfico pela ação humana, haja vista que a apropriação deste capital implica no homem enxergar a natureza de “fora”, não se sentido parte dela.

Hoje, as atuais políticas ambientais de alguns países têm sido questionadas, devido os limites biológicos do planeta Terra já terem sido ultrapassados em muitas áreas. É necessária uma gestão pública, seja ela

federal ou estadual, que promova o desenvolvimento e aplicação de tecnologias voltadas à proteção, conservação e recuperação do meio ambiente, incentivando as boas práticas ambientais por parte da população e empresas que cuja atividade industrial está associada muitas vezes com a degradação ambiental.

Este é o momento que requer uma mudança na política ambiental planetária. Com a ajuda de cada grupo de profissionais acadêmicos, autoridades lideranças comunitárias, as quais possuem um papel importante nesse processo, haverá o

fortalecimento da cidadania. Precisamos criar motivos e sensibilizarmos para transformar as diversas formas de participação em ações que aconteçam realmente na prática, como já citado no Relatório Brundtland, que é o documento intitulado *Our Common Future*, elaborado pela **Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**. É necessário termos no planeta uma forma de desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias

necessidades; significa possibilitar que as pessoas, agora e no futuro, atinjam um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso sustentável dos recursos da Terra e preservando as espécies e os habitats naturais.

***** *Dr.ª Elisangela Carolino*, Geógrafa, Mestre e Doutora em Agronomia pela Universidade Estadual Paulista – Botucatu-SP-Brasil.

Professora da área Ambiental da Universidade Tuiuti do Paraná-Curitiba-PR-Brasil.

Um livro exemplar e educativo

Moutih Ibrahim*

Conhecer a obra de Antoun Saadeh é mergulhar num universo de pensamentos da maior profundidade política, cultural e filosófica. A história das contribuições culturais dos árabes para a humanidade tem um novo capítulo de sucesso e competência com o livro *Gênese das Nações*, trazido ao conhecimento do público brasileiro mediante a tradução inspirada do tradutor e intelectual Youssef H. Mousmar.
É uma obra iluminada, no sentido de clarear as brumas do pensamento, levando luz para desvendar os grandes e graves problemas filosóficos da humanidade.

---

* Presidente da Sociedade Árabe Beneficente Brasileira do Paraná.

Antoun Saadeh não apenas identifica as principais dúvidas e questionamentos da humanidade, como apresenta soluções plausíveis, concretas, através de análises objetivas e irrefutáveis.

Esta obra é muito bem vinda ao universo cultural, político e filosófico da nossa sociedade, combalida pela falta de livros didáticos e profundos como este *Gênese das Naçõe*s.

*_Moutih Ibrahim_

Presidente da Sociedade Árabe Beneficente Brasileira do Paraná.

Debate sobre o livro *Gênese das Nações* na Casa da Imprensa Paranaense

Youssef Mousmar*

Às dez horas da manhã na sexta-feira deste mês (2011/11/25) foi realizado um simpósio na casa da Associação da Imprensa Paranaense, fundada em 31/10/1934, em Curitiba, capital do estado do Paraná, sobre o livro *Gênese das Nações*, do sociólogo Sírio Antoun Saadeh, traduzido para o português por Youssef Mousmar. O seminário contou com a presença de um grupo de jornalistas, escritores, pensadores e professores

* Tradutor do livro *Gênese das Nações* para o português.

universitários da cidade de Curitiba. O presidente da Associação da Imprensa, Dr. Rafael de Lala, começou sua apresentação dizendo que temos agora um livro importante de valor elevado intitulado *Gênese das Nações*, da autoria do sociólogo Antoun Saadeh. O livro foi traduzido do árabe para o português pelo Dr. Youssef Mousmar, autor do importante *Dicionário Português-árabe* e *Árabe-português*.

Gostaríamos, na oportunidade, de chamar a atenção de todos os presentes para o fato de que o autor de livro, o sociólogo Antoun Saadeh, foi preso aqui no Brasil por nosso governo com denúncia falsa acusando-o de trabalhar a favor dos regimes do fascismo e do nazismo, sob a pressão do consulado francês em São Paulo, e isso foi em 1938.

Mas depois que a falsidade da denúncia foi provada, as autoridades brasileiras anunciaram a sua inocência e ele foi liberado mas, sob o impacto da pressão dos franceses, as autoridades brasileiras ordenaram a deportação de Antoun Saadeh e obrigaram-o a deixar o país apesar de ser portador de carteira de identidade permanente emitida pelas autoridades oficiais brasileiras, ele deixou o Brasil e se dirigiu, naquele tempo, para a Argentina. Não quero acrescentar mais nada, mas convido o tradutor do livro, Youssef Mousmar, para falar neste seminário.

Senhoras e senhores

Bom dia a todas e todos

A melhor e mais útil conferência é a conversa que significa troca de ideias e significa também um debate que envolva diversos pareceres e vários pontos de vista.

Quando o nível da conversa se qualifica com boas intenções, com informações reais e com propósitos do benefício público, o resultado da conferência se torna mais útil, mais produtivo e mais profícuo. Para alcançar esse nível de debate, o ambiente cultural-intelectual adequado é imprescindível para que tal debate possa realizar os objetivos desejados. O objetivo essencial de um debate é adquirir o conhecimento, pois sem conhecimento nada poderá servir para melhorar o nível da nossa vida. Por isso mesmo, o autor do livro *Gênese das Naçõe*s, Antoun Saadeh, disse: **“**a **sociedade é conhecimento e o**

conhecimento é uma força”. Mas o conhecimento que vale para uma vida melhor não é qualquer tipo de conhecimento. O conhecimento que foi indicado por Antoun Saadeh é o meio que assegura e garante o benefício, o avanço e o progresso da sociedade humana.

Ele disse também: **“o conhecimento que não faz bem para a sociedade humana é igual a uma ignorância que não prejudica**”. O objetivo, então, mais importante para uma discussão que leva a um entendimento melhor reside sempre na mente aberta que procura, através do estudo e de análise, formando uma opinião mais real, mais verdadeira e mais justa.

Com vista do exposto, não pretendo falar, agora, nada sobre a obra sociológica do

cientista social Sírio Antoun Saadeh deixando para vocês doutores amigas e amigos lerem a obra em questão, estudá-la, e analisá-la, a fim de formar a opinião certa e elaborar o comentário que tal obra merece.

No final, gostaria de citar nesta reunião cultural-intelectual alguns comentários mencionados e não mencionados no inicio do livro traduzido para o português que são: O professor do curso de graduação e do programa de pós-graduação em Direito da Universidade Federal do Paraná, Dr. Luis Fernando Lopes Pereira, escreveu: “Entrando nos comentários da obra de Saadeh, o início do livro já nos mostra que tradição ele seguiria, e escolhe a ciência. Essa opção científica, entretanto, não está calcada na rigidez do Iluminismo ocidental

do século 18, ou em teorias absolutizantes. O autor recorre à ciência como uma oposição ao misticismo, situando este como primitivo e aquele como avançado.

Por isso destaca como avanço o aparecimento de uma explicação científica. Afinal fala tranquilamente em uma evolução do pensamento humano a partir de comparações e deduções, revelando aqui seu método, bastante influenciado pela empiria e pela observação. Não por acaso Saadeh fala em fatos revelados pela ciência (inicialmente pela zoologia e botânica).

A advogada Dr.ª Alia Haddad escreveu: “é, mais uma vez, a história deste planeta, sacrifica alguém que só ansiava ver seus irmãos garantidos do direito à justiça,

liberdade e conhecimento. É, mais uma vez, na história deste planeta, surge um mártir".

O ex-presidente da Associação Brasileira dos Advogados Criminalistas, Dr. Elias Mattar Assad, disse: "Antoun Saadeh calcografou seu nome e seus ideais no pavilhão da história universal... Aqueles tiros que vitimaram Antoun Saadeh feriram toda a humanidade, órfã de outros escritos que brotaram de suas mãos e foram confiscados pelos franceses e dos que certamente escrevia".

O Prof. de História da Filosofia Medieval Árabe na Universidade Federal de São Paulo, Dr. Jamil Iskandar, escreveu: "A obra de Saadeh deve ser exaltada em função

do conteúdo e da minuciosa dos temas nela contidos”.

O Diretor do jornal *Água Verde*, de Curitiba, Dr. José Gil De Almeida, disse: “dentro desse sistema caótico e arbitrário, surge uma luz na forma de um pensamento renovador e humanista, na obra de Antoun

Saadeh, analisando com espírito crítico todas as fases evolutivas do homem, de forma resumida para facilitar o estudo e a compreensão, vai do surgimento da espécie humana, analisando as raças, terra, geografia, sociabilidade, a formação do estado e seu desenvolvimento”.

A geógrafa, professora da área ambiental da Universidade Tuiuti do Paraná, Dr.ª Elisangela Carolino, escreveu:

“primeiramente, quero parabenizar aos organizadores do livro *Gênese das Nações*, da autoria do sociólogo sírio Antoun

Saadeh. O livro merece ser lido e estudado com atenção e interesse”.

O Presidente da Sociedade Beneficente Árabe Brasileira de Curitiba, Sr. Moutih Ibrahim, disse: “é uma obra iluminada, no sentido de clarear os grandes e graves problemas sociais e filosóficos da humanidade.

Antoun Saadeh não apenas identifica as principais dúvidas e questionamentos da humanidade como apresenta soluções plausíveis, concretas de análise objetiva e irrefutáveis”.

Gostaria, neste magnífico encontro, de citar uma frase do autor de *Gênese das Nações*, Antoun Saadeh, que disse na introdução: **“como o homem é uma das manifestações da vida em geral, não é possível estudar**

sua origem separadamente, e então seria necessariamente considerar a seguinte pergunta: de onde veio o homem? dentro de um contexto mais abrangente, indagar: de onde surgiu a vida?”.

A partir da referida pergunta afirmo que jamais podemos chegar a entender nosso universo se não entendermos nossa própria vida, e nunca poderemos compreender nossas vidas de forma mais justa se não usarmos nossa mente desenvolvida como

meio essencial para podermos viver em perfeita harmonia e paz.

Termino minhas breves palavras agradecendo a todas e todos os amigos presentes.

**Youssef Mousmar*
Tradutor do livro *Gênese das Nações* para o português.

Curitiba, 25/11/2011

Cartas recebidas

sobre a obra de Antoun Saadeh

Boa noite, sr. Youssef Mousmar

Já recebi o livro (*Gênese das Naçõe*s), de Antoun Saadeh, que me enviou pelo Correio. Agradeço de coração. Numa rápida vista, percebo que é um livro forte, denso e com bastante informação, percebo também a pureza de ideias na concepção intelectual e social do autor. Por isso lerei com calma, com muita calma e interesse, pois vendo já as primeiras páginas, a sua apresentação me emociona. Sinto, lá no fundo do coração, a luta desse guerreiro desconhecido, uma luta tão atual e tão nossa. Momento oportuno este, por que passa a Síria, na sua luta por seus direitos mais naturais.

Lendo ‘Saudações à minha Pátria’, fico também, como o próprio Saadeh, a me perguntar:

“O que aconteceu, meu irmão para que a imigração estabelecesse um muro tão sólido e tão duro entre nós? Nem você está comigo, nem eu estou contigo. Nem você sente os meus sofrimentos, nem eu sinto os seus...”. Maravilhosa passagem e tão pertinente.

Emocionei-me e lembrei de meus avós que vieram da Grande Síria (Maaloula e Zahle)... muitas lembranças. Agora todos mortos (como Saadeh), mas o sentimento ainda vivo circula no sangue e habita as profundezas de nosso coração. Obrigada por esta oportunidade de conhecer Saadeh. Vou lê-lo com muito carinho e divulgar com mais carinho ainda o seu

nome e a sua causa. E, à medida em que for lendo, lhe escrevo para discutirmos a obra juntos.

Obrigada Sr. Youssef.
Abraços sinceros.
Marta Teresa Tjara
29/12/2012

Livro muito interessante

Quem quiser se aprofundar mais nos assuntos referentes ao Oriente Médio, recomendo um livro por demais interessante (mas desconhecido ainda do grande público) intitulado *Gênese das Nações* (Formação das Nações) escrito pelo revolucionário intelectual e sociólogo Sírio Antoun Saadeh, em meados do século XX e traduzido do árabe para o português pelo intelectual Youssef H. Mousmar.

Este é um livro muito oportuno para entender os atuais conflitos, sem o blá-blá-blá e a enganação da mídia nossa de cada dia. Interessante quando ele fala nas páginas finais sobre o apelo ao nacionalismo e cita que o pecado cananeu ainda está vivo em nós e tem agido em todo

o mundo. Lembrei de meu pai, já falecido. Ele era filho de sírio-libaneses (meu avô era de Maaloula e minha avó de Zahle) e tinha uma vontade louca de conhecer estes países, mas não deu tempo, pois morreu muito novo, aos 35 anos, vítima de leucemia. Todas as vezes que tentava viajar, o Oriente estava em guerra e meu avô não deixava ele ir. Pouco antes de sua morte, porém, horas antes para ser mais exata, minha mãe conta que, em seu leito de morte e já quase inconsciente, descreveu para ela a Síria como se estivesse ali... falou dos campos, dos trigos e de como era linda a cidade que ele estava visitando. Isso me deixou uma impressão muito forte. Quando visitei a Síria pela primeira vez, senti como se já conhecesse aqueles lugares todos. É a mesma coisa quando olho uma fotografia

da Síria, é como se, de alguma forma que eu não sei explicar, eu fizesse parte daquela paisagem. Engraçado isso, não?Abraços

Marta Teresa Tjara
Jornalista brasileira

Caro Youssef Mousmar

Bom dia

Recebi hoje o livro *Gênese das Nações*. Agradeço o livro e a dedicatória.

Parabéns pelo excelente trabalho de divulgação do grande sociólogo... Antoun Saadeh, em língua portuguesa. Este trabalho cobre um grande vazio que temos em língua portuguesa, maior conhecimento do Oriente e seus grandes homens.

Muito obrigado

Grande abraço

Dr. Roberto Khatlab: professor universitário

Líbano, em 27/01/2012

“Mas, nós imaginamos, de acordo com o princípio filosófico do desenvolvimento, regularidade e continuidade da vida, o que coloco na minha mente para compreender a realidade da existência humana, que deve haver uma relação ou contato mais próximo e firme com a nossa nova visão referente aos fatos, questões e temas de tal visão. Como se vê, também sob esse ponto de vista, que o mundo da visão mencionada não é algo surgido por acaso sem origem, mas ele é um algo impossivelmente surgir sem origem substancialmente essencial relacionada aos fatos novos. Assim, podemos concluir que os novos fatos foram emancipados dos fatos originais antigos através de uma nova compreensão da vida e suas causas, do universo e suas possibilidades e da arte e suas metas”.

Antoun Saadeh

Objetivo da Associação Cultural Síria - Brasileira

Senhoras e senhores

Boa noite para todas e todos

Antes de tudo, gostaria de apresentar, em nome da Associação Cultural Sírio Brasileira, nossos sinceros agradecimentos para todas e todos que estão presentes conosco neste belo encontro destinado para homenagear o aniversário do líder, o filósofo e sociólogo Antoun Saadeh, o fundador do movimento nacionalista-social Sírio.

Gostaria também, na oportunidade, de contar para vocês uma frase escrita por o companheiro nosso o grande escritor literário Saiid Takii Addine que disse: **“Cada vez que um orador tenta me**

enganar através de suas palavras bonitas e de suas frases bem feitas, eu respondo em troca com meus ferventes aplausos”.

Por isso, eu prefiro agir de acordo com o ditado famoso do filósofo Sírio Zenão que disse: **“nós temos dois ouvidos e uma língua para ouvir mais do que falar”**.

Pois quando ouvimos, nós aprendemos e quando falamos nós ensinamos. Para informamos e ensinamos melhor, devemos ouvir bem para conhecer melhor. Sem conhecimento nada podemos oferecer senão a ignorância.

O senhor Jesus Cristo disse: **“Eu vim como luz para iluminar o caminho para os errantes”**. As palavras de Jesus significam que ele veio com o saber para ensinar e educar e através do ensino e educação, os

errantes, sem dúvida, poderão aprender e enxergar bem o correto caminho. Depois de Jesus Cristo, veio o profeta Mohammad anunciando o conselho eterno que disse: **“procure o conhecimento a partir do berço até o túulo”** o que significa que cada minuto gastado sem estudo é uma perda irrecuperável, e cada vez que paramos de aprender, damos uma prova referente a nossa incapacidade de entender o verdadeiro sentido da religião do Islam. que foi esclarecido a traves do ditado famoso do grande sábio Ali bem Abi Taleb que disse: **“na há riqueza como o conhecimento, e não há pobreza do tamanho da ignorância”**.

Nós afirmamos que o conhecimento é a maior riqueza, porém a ignorância é a maior pobreza.

Antoun Saadeh não errou o caminho dos grandes sábios, mas ele definiu a qualidade e a direção do conhecimento quando disse: **“O conhecimento que não ajuda para melhorar o nível da vida é igualmente a uma ignorância que não prejudica”** e mais: “a sociedade é um conhecimento e o conhecimento é uma força, isto é o conhecimento construtivo é útil, não o conhecimento destrutivo inútil. A sociedade é um conhecimento e o conhecimento é uma força, isto é, o conhecimento construtivo e útil, não o conhecimento destrutivo inútil. Assim podemos entender melhor o que significou Alcorão quando disse: **“Àquele que foi dado o talento da sabedoria, foi bem premiado e bem beneficiado”**. Em uma homenagem como nossa agora ao aniversário de Antoun

Saadeh, antes de ser assassinado, ele discursou dizendo: **“Não acredito que esta festa foi realizada para homenagear minha própria pessoa, mas acredito sim que esta festa esta sendo realizada para homenagear o aniversário de surgimento de uma nova doutrina, de novos ensinamentos e nova visão”** que exige de nós uma luta contínua para por fim aos séculos das doutrinas parciais que, guiaram e continuam a guiar os estados políticos tiranos, despóticos, à beira da destruição de nosso mundo.

Caros amigos e amigas aqui presentes. É bom saber alguma coisa sobre nossa Associação Cultural Sírio Brasileira.

A partir do nome da Associação percebe-se que existem dois lados: lado brasileiro e

lado Sírio. Do lado brasileiro todos vocês conhecem bem o Brasil como povo e como pátria, no lado Brasileiro somente existe um povo que, se chama o povo brasileiro, existindo também só uma pátria com suas fronteiras já conhecidas. Não há Brasil pequeno nem Brasil grande, mas há o Brasil geográfico único. Concluímos diante do exposto que a cultura brasileira surge a partir do povo brasileiro vivido e desenvolvido no seu meio ambiente.

Do lado Sírio, acho que muitas pessoas não conhecem o suficientemente a Síria. Por isso, é muito útil esclarecer algumas características e qualidades importantes e imprescindíveis da nação Síria.

A Síria geográfica e histórica estende das montanhas de Taurus que fazem fronteiras

com a Turquia na parte norte até o canal de Suez e mar vermelho que fazem fronteiras com o Egito e África na parte Sul. Estende também das montanhas de Zoghoros que fazem fronteiras com Iran na parte Leste até o Mar Mediterrâneo no Oeste, incluindo a ilha de Chipre situada nas costas da Síria. A Síria é situada então num ponto central que liga entre três continentes: Europa, Ásia e África, através de fronteiras terrestres e dois continentes: América e Oceania através do Mar Mediterrâneo e do Golfo. Neste excelente ambiente geográfico formou-se a excelente nação que deu ao mundo uma excelente e fabulosa cultura.

Nesta terra mesma foi surgido o berço da civilização humana e foram estabelecidas as bases da cultura psico-física ou, como chamamos na Síria, “Madrahia”, que

significa que não existe cultura material isolada em si nem cultura espiritual isolada em si, mas existe cultura humana que tem aspectos materiais e aspectos espirituais.

Com vista disto, a cultura Síria a partir da pré-história conseguiu ter uma cultura especial que envolveu num só processo único que abrange a plantação da terra, a domesticação dos animais, a indústria, a navegação, a glorificação das forças divinas maiores, a invenção das letras alfabéticas, as escritas, o comércio, a fundação das ciências, a invenção das artes, a leitura mais profunda das leis naturais e humanas, as relações internacionais baseadas no respeito mutuo e o estado político formando de tudo uma sabedoria que foi conhecida como: a sabedoria Síria. Essa sabedoria estabeleceu a base essencial da civilização moderna.

Mas, infelizmente, após a primeira e segunda Guerras Mundiais, as potências dos aliados Franceses e Ingleses que ganharam as guerras, com concordância dos Estados Unidos americanos e União Soviética, modificaram totalmente a geografia da Síria, destruíram sua história e tentaram acabar com ela através de dividir a terra em fazendas que foram chamadas mais tarde estados políticos independentes e fragmentar o povo em grupos sectários fracionais. Assim apareceram estados políticos artificiais como: Líbano, pequena Síria atual, Jordânia, Palestina (atual Israel), Iraque, Kuwait e Ilha de Chipre. Além disso, uma parte do Norte da Síria foi doada à Turquia pelos Franceses, outra parte de Leste foi doada ao Iran pelos Ingleses, a terceira parte na península de Sinai foi

doada também pelos ingleses ao Egito, e combinaram os Ingleses e Franceses para doar a Ilha de Chipre à Grécia e à Turquia.

Pelo motivo acima mencionado, o povo Sírio foi fragmentado e dezenas de milhões dos sírios foram espalhados em todos os cantos do planeta procurando abrigos para morar e esforçando para encontrar um emprego qualquer a fim de viver com dignidade.

Em consequência do exposto, foi a missão dos talentos Sírios muito difícil como podemos notar num artigo escrito pelo filósofo Gibran Khalil Gibran quando disse: **“Ô meus compatriotas Sírios, meus e vossos pais morreram o que podemos fazer para salvar aqueles que ainda não morreram”**.

O filósofo Gibran Khalil Gibran fundou a **Liga dos Dedos de Ouro** com objetivo de restaurar e confeccionar a união e a integralidade da nação e da pátria síria mas, infelizmente, faleceu antes de ver a realização de seu sonho. A pergunta dramática de Gibran mexeu com as profundidades da mente e do coração de Antoun Saadeh que estudava aqui no Brasil em São Paulo e fez ele tomando a decisão mais importante na sua vida repetindo no seu famoso texto:

“a minha pátria está me chamando

o meu povo esta me esperando

não tenho mínima duvida que a minha pátria

levantar-se-á e ocupará o lugar que merece

entre as pátrias...”.

Assim, Antoun Saadeh deixou o Brasil e retornou a Beirute atendendo à chamada vinda das profundidades de sua alma e tentou com todos seus esforços para fundar um movimento nacionalista-social Sírio a fim de salvar a nação através de um renascimento geral baseado na realidade geográfica e na verdade histórica com um programa filosófico perfeito que abrange todos os pontos essenciais de vida da nação. Ele começou a trabalhar para realizar a união dos Sírios que foram divididos pelas forças colonialistas procurando além da unidade Síria, formar uma união árabe que pode ajudar as outras nações em todos os continentes a levantar e formar um mundo novo melhor composto das nações livres civilizadas que poderá realizar um futuro

melhor para nossa humanidade, não uma organização de estados tirânicos imperialistas, como estamos vendo hoje, que se preocupa somente com a fatuidade e egoísmo dos líderes das grandes potências. Como o surgimento do movimento nacionalista social sírio foi realizado para devolver a cultura Síria sua vitalidade para poder divulgar a sabedoria original Síria pelo bem da humanidade e pela paz entre todas as nações, foram fundadas muitas associações culturais em muitos países como podemos notar através das seguintes: Associação Cultural Sírio Brasileira, no Brasil; Associação Cultural Sírio Argentina, na Argentina; Associação Cultural Sírio Francesa, na França; Associação Cultural Sírio-Estados Unidos, nos Estados Unidos americanos; Associação Cultural Sírio

Inglesa, na Inglaterra e Associação Cultural em cada país onde se encontram imigrantes sírios nacionalistas sociais. Não é homem grande aquele que os outros se sentem pequenos em sua presença mas o verdadeiro grande homem é aquele que todas as pessoas se sentem grandes quando estejam com ele.

Assim nós, os companheiros de Antoun Saadeh, estávamos sentindo quando ele estava entre nos e sentimos agora maiores e mais nobres após a ausência dele enquanto trabalhamos e lutamos para realizar os nossos mais altos ideais humanos. Sentimos também agora mais honrados e mais alegres de estar juntos com vocês neste magnífico encontro destinado para homenagear o aniversário daquele filósofo que a culpa maior dele é que ele quis ajudar a criar um

mundo melhor baseado na verdade, no bem, na justiça, na beleza, no amor, no respeito mútuo e no progresso para toda a humanidade.

A sabedoria Síria emanada da cultura Síria se resume nas seguintes palavras que formam uma regra geral e global: as coisas boas da vida formam um patrimônio que pertence a toda humanidade em todas suas nações e em todas suas gerações enquanto as coisas ruins somente desonram os malfeitores.

Assim podemos compreender as duas mensagens divinas: a mensagem de Jesus Cristo e a mensagem do profeta Maomé, que plantaram os pensamentos mais uteis e mais morais para endireitar a marcha da humanidade.

Seguindo o caminho da sabedoria Síria, sempre continuamos querendo para todas as nações e todos os cidadãos no mundo o que queremos para nossa nação e para nossos cidadãos Sírios e brasileiros a fim de realizar um nível de vida nacional mais avançado e um grau de relações internacionais melhor e mais civilizado.

Muito obrigado.Viva o Brasil. Viva a Síria.

Índice

001 - prefácio J. M. de Barros Dias
009 – Biografia de Antoun Saadeh
Youssef H. Mousmar (autor e tradutor)
031 – Antoun Saadeh : A sóciogênese do estado
Dr. Luis Fernando Lopes Pereira (professor universitário)
073 - O estado nacional democrático Dr. Haidar Haj Ismael
091-Antoun Saadeh:o conceito evolutivo de surgimento da espécie humana
Youssef H. Mousmar (autor e tradutor)
153 - O que levou Antoun Saadeh a fundar o PNSS .Dr. Fabio Bacila.Sahd
173 – Antoun Saadeh é um sociólogo do mais alto gabarito
Dra. Alia Haddad (advogado)
179– Dr. Antoun Saadeh calcografou seus idéias no pavilhão da história universal Dr. Elias Mattar Assad (advogado)
185 – A Gênese das Nações de Antoun Saadeh é uma obra de caráter extraordinário Dr. Jamil Iskandar (professor universitário)
191 – Gênese das Nações é Um livro necessário e imprescindível
Dr. José Gil De Almeida (Diretor do Jornal *Água Verde*, de Curitiba)
195 – o livro de Gênese das Nações merece ser lido com plena atenção
Dra. Elisangela (professora universitária)
201 – Genese das nações é Um livro exemplar e educativo
Moutih Ibrahim (Presidente da Sociedade Beneficente Árabe Brasileira do Paraná.
203 – Debate sobre o livro de Antoun Saadeh *Gênese das Nações* na Casa da Imprensa Paranaense, em Curitiba :Youssef Mousmar
215– *Gênese das Nações* é livro muito interessante
Dra. Marta Teresa Tjara (jornalista brasileira)
221– *Gênese das Nações* é um trabalho cobre um grande vazio em língua portuguesa Dr. Roberto Katlab (professor universitário)
223 – Objetivo da associação cultural Sírio-brasileira . Discurso proferido na festa de comemoração do aniversário de Antoun Saadeh
Youssef Mousmar

Outras obras:

- Labareda de Despertar**:** Poesia em Árabe
- Tradução de conferências da doutrina nacionalista-social
- Dicionário Português-Árabe
- Dicionário Árabe-Português
- Folhas para vida melhor em Árabe
- Poemas para renascença: Poesia em Árabe
- Poemas iluminastes: poesia em Árabe
- Dicionário Português-Árabe /Árabe –Português
- Na frente do nascente da luz: Poesia em Árabe
- Conceitos nacionalista-sociais: estudos sociais, filosóficos e econômicos.
- Fontes da luz: poesia em Árabe
- tradução do livro "NUR NA ESCURIDÃO" do português para o Árabe, do romancista Salim Miguel
- Tradução do livro "GÊNESE DAS NAÇÕES" do Árabe para o português do sociólogo Sírio Antoun Saadeh
- Luzes nacionalista-sociais da civilização Síria em Árabe

Youssef Mousmar
Rua Emiliano Perneta, 195 Apt. 132
CEP : 89910 – 050
Curitiba – Paraná – Brasil
Fone : 0055 – 41 – 3322 8573

e-mail :youssefmousmar@hotmail.com
Site :www.arabeportugues.com.br

مطبعة فورتوناتو- كوربيليا- بارانا- برازيل

Impressão : Gráfica Fortunato
Corbelha- Paraná -Brasil
Fone : 45- 3242 1186

Youssef Mousmar
Rua Emiliano Perneta, 195 Apt. 132
CEP : 89910 – 050
Curitiba – Paraná – Brasil
Fone : 0055 – 41 – 3322 8573

e-mail :youssefmousmar@hotmail.com
Site :www.arabeportugues.com.br

مطبعة فورتوناتو- كوربيليا- بارانا- برازيل

Impressão : Gráfica Fortunato
Corbelha- Paraná -Brasil
Fone : 45- 3242 1186